ILUSTRAÇÃO

2.º ANO
UMERO 43

Lisboa, 1 de Outubro de 1927

PREÇO
4$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VERAMON

Se sofre de dôres é porque o quer.

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coracão. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

SCHERING SCHERING

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39

CAMINHÕES GRAHAM BROTHERS

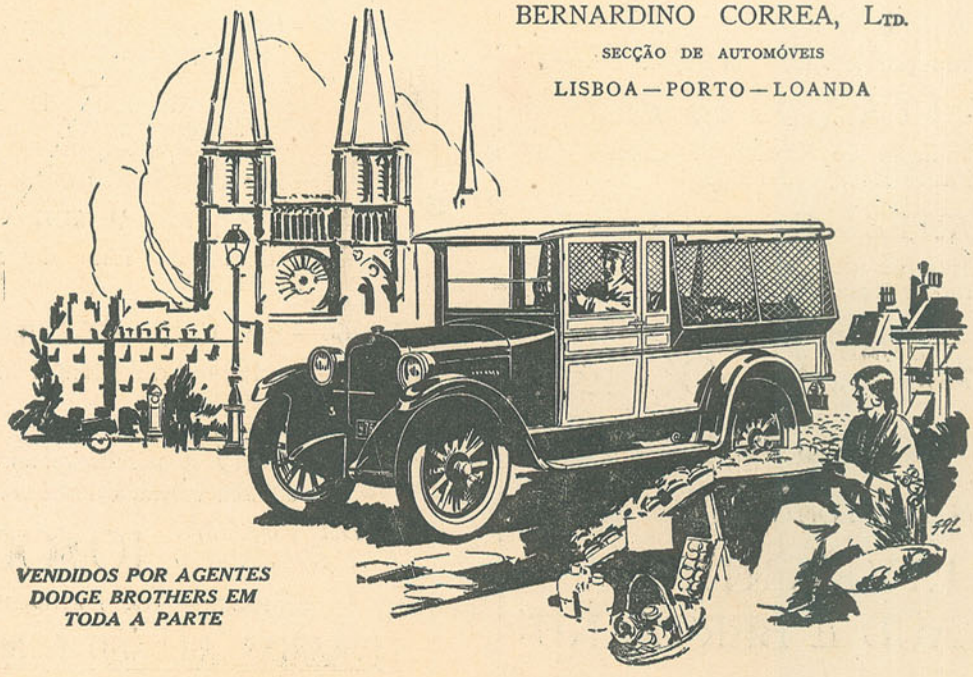
Supremacia

A casa Graham Brothers constroe mais auto-caminhões do que quaesquer outros fabricantes exclusivos d'estes productos. O comprador aproveita com isto.

Aproveita pela alta qualidade d'estes auto-caminhões que justifica esta procura. Aproveita pelos preços assombrosamente baixos a que dá logar esta procura.

De construcção rija e simples, os auto-caminhões, os automoveis commerciaes e os auto-omnibus Graham Brothers estão trabalhando perfeitamente em todas as condições de caminho, carga e clima—em toda a parte.

BERNARDINO CORREA, LTD.
SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS
LISBOA—PORTO—LOANDA



VENDIDOS POR AGENTES DODGE BROTHERS EM TODA A PARTE

ACABAM DE PUBLICAR-SE

NOVAS EDIÇÕES

VICENTE BLASCO IBAÑEZ

NO PAÍS DA ARTE, *(Três meses na Italia)*
Tradução de Ferreira Martins, (4.ª edição).

O ORIENTE
Tradução de Ferreira Martins, (3.ª edição).

OS MORTOS MANDAM
(Novela) Tradução de Napoleão Toscano, (2.ª edição).

FLOR DE MAIO
Tradução de Joaquim dos Anjos e Mario Salgueiro, (2.ª edição).

POR ENTRE LARANJEIRAS
Tradução de Moraes Rosa, (2.ª edição).

A CATEDRAL
Tradução de Vasco Valdez, (4.ª edição).

JESUITAS *(El Intruso)*
Tradução de Ribeiro de Carvalho e Moraes Rosa, (3.ª edição).

A CORTEZÃ DE SAGUNTO,
Tradução de Ribeiro de Carvalho e Moraes Rosa, (3.ª edição).

CADA VOLUME EM BROCHURA.. 10$00 Esc.

A' venda em todas as livrarias

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRANDE EDIÇÃO POPULAR

DAS

VIAGENS MARAVILHOSAS AOS MUNDOS CONHECIDOS E DESCONHECIDOS

JULIO VERNE

ACABAM DE REEDITAR-SE OS SEGUINTES VOLUMES:

N.º 7 — Aventuras de três russos e três ingleses
Tradução de Mariano Cyrilo de Carvalho, (5.ª edição).

N.º 25 — O Doutor Ox.
Tradução de A. M. da Cunha e Sá, (4.ª edição).

N.º 28 — A Galera Chancellor
Tradução de Mariano Cyrilo de Carvalho, (4.ª edição).

N.º 53 — Norte contra sul *(1.ª parte)*, O odio de Texar
Tradução de Almeida de Eça, (4.ª edição).

N.º 58 — Familia sem nome *(1.ª parte)* Os filhos de traidor
Tradução de Lino da Assumpção, (4.ª edição).

N.º 59 — Familia sem nome *(2.ª parte)* O padre Joann
Tradução de Lino da Assumpção, (4.ª edição).

N.º 66 — Em frente da bandeira
Tradução de Manuel de Macedo, (3.ª edição).

NO PRÉLO a sair brevemente todos os restantes volumes desta coleção

CADA VOLUME ENCADERNADO 10$00 Esc.

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — *LISBOA*

GUERRA AO CARVÃO!

Não admitam que se deposite carvão no vosso motor. Menos carvão equivale a maior potencia, menos desgaste do motor, portanto menores despesas de conservação.

A maneira pratica de evitar o carvão é lubrificar o motor só com oleo SHELL e empregar exclusivamente gazolina SHELL.

UMA PROVA PRATICA

«IMPERIAL AIRWAYS Ltd» experimentou ultimamente o oleo SHELL n'um motor «Rolls Royce».

Depois de ter percorrido 20.000 milhas o Inspector Chefe disse o seguinte no seu relatorio: «... ausencia quasi total de carvão, não havia aderencias, notavel reducção no desgaste...»

A gazolina SHELL tambem evita extraordinariamente o carvão, isto porque é chimicamente pura e está lotada de fórma a ser totalmente consumida na camara de combustão.

SHELL

GAZOLINA E OLEOS

Á VENDA EM TODAS AS BOAS GARAGES

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.D

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS

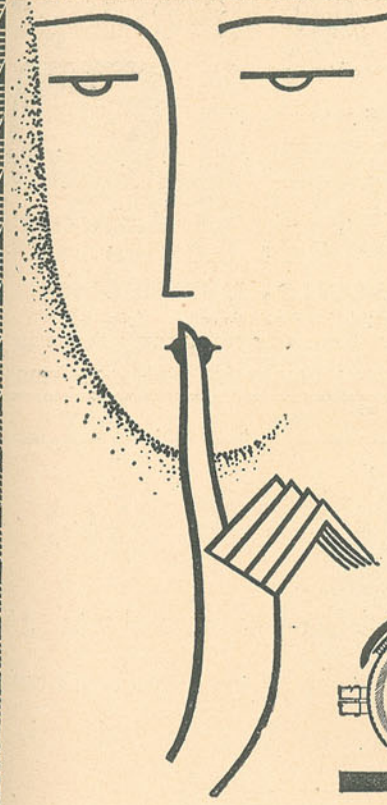
BERTRAND (IRMÃOS) L.DA

OS MAIORES ATELIERS
DE GRAVURA DO PAIS

TRAVESSA
DA CONDESSA DO RIO 27

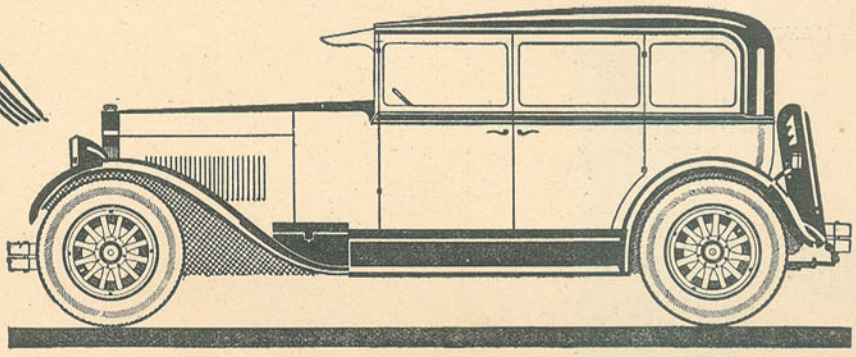
TELEPHONE TRINDADE 96

TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCOGRAVURA
E DESENHOS



Studebaker

Silencioso.



O funcionamento silencioso do Erskine Six, completa duma maneira feliz, as qualidades de elegancia que o caracterisam. Esta suavidade de funcionamento que, quando novo, apenas é possivel obter-se devido á sua impecavel afinação, dura tanto tempo como o proprio carro, graças á qualidade incomparavel do fabrico Studebaber.

A duração desta suavidade é testemunho da robustez do mecanismo accionado pelo mais suave e perfeito dos motores de 6 cilindros.

6 cil. 12 HP. 100 Km. á hora
subindo em prise directa rampas com 11 % de inclinação.

Construido pela Studebaker especialmente para a Europa.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

ERSKINE SIX

ERSKINE

E. A. 93.

Unicos representantes para Portugal :
C. SANTOS, Lda.
LISBOA : Rua do Crucifixo 55 a 59.
PORTO : Praça da Liberdade, Edifício da Nacional.

O refresco ideal !

Para mitigar a sede durante a epoca calmosa, sem prejudicar a saude, não ha como os saes de fru ta ENO. De sabôr agradavel, o ENO não só mata a sede como é, por assim dizer, a salva-guarda natural da saude, que tanto se ressente com os grandes calores ! O ENO é um bom amigo do estomago e do figado, e de grande beneficio para o intestino que, com a sua ajuda, se conserva no estado de limpeza tão necessario á saude.

O ENO pode ser tomado como limonada, adicionandose-lhe sumo de limão ou de qualquer outra fructa.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & Cº. LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "ENO", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.

SAL de FRUCTA ENO "FRUIT SALT"

Dôres do Estomago

alliviadas

com o

REGYL

DIGESTÕES PENOSAS
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS

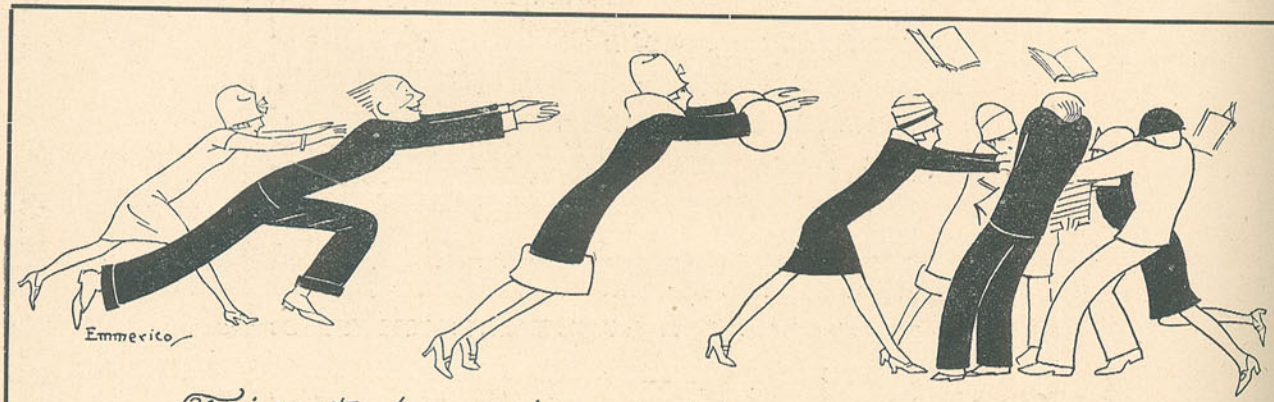
Um comprimido depois de cada refeição.

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS

Laboratoires MILLET & GUILLAUMIN, 8, Rue Richer, PARIS

ILUSTRAÇÃO

Na Administração, rua Anchieta, 25, compram-se a 5$00 escudos cada um, exemplares em bom estado, dos N.os 1 e 2 desta revista.



Foi posto á venda mais um numero do

O MAGAZINE O

N.º 10 BERTRAND N.º 10

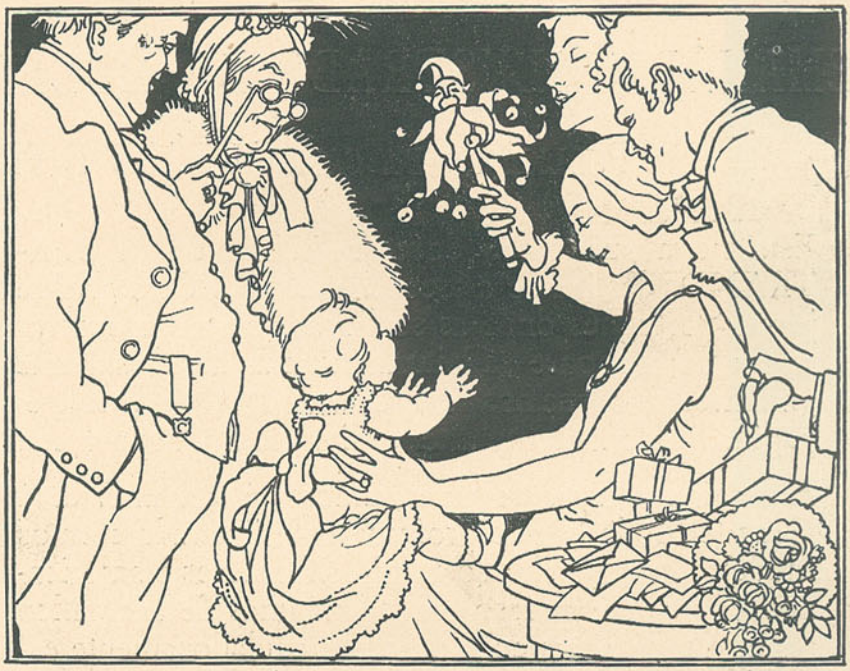
Todos os estudiosos devem adquirir a

HISTÓRIA DE PORTUGAL DE ALEXANDRE HERCULANO

à venda aos volumes e por assinatura nas LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

O LIVRO DE BÈBE

Livro Util e Indispensavel ás Noivas, ás Mães, ás Avós



VERSOS DE DELFIM GUIMARÃES
ILUSTRAÇÕES DE RAQUEL ROQUE GAMEIRO OTTOLINI

Grande Edição Ilustrada

Temas: O Nascimento, O pêso da creança, O primeiro passeio, O registo, O baptisado, O primeiro sorriso, O vestido de meio curto, O primeiro dente, A vacina, A primeira papinha, As primeiras passadas, Os primeiros sapatinhos, A primeira palavra, Os amiguinhos, A côr dos cabêlos, Os presentes do primeiro aniversario, A oração, O retrato, A altura, As primeiras lições.

Pedidos aos Depositarios

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

ACABA DE APARECER

O PRIMEIRO NÚMERO

DA MAIS SENSACIONAL REVISTA DE MODAS

"VOGA"

SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER

PUBLICAÇAO DA CASA AILLAUD E BERTRAND

Esta nova publicação da casa AILLAUD e BERTRAND, destina-se a preencher a falta dum grande jornal português onde as senhoras possam encontrar a par duma boa e sã leitura, receitas absolutamente garantidas, conselhos sôbre assuntos de ménage, páginas de crítica, de arte, de literatura, de sport, etc.

A página central de cada número é consagrada à Grande Moda, sendo profusamente ilustrada com os modêlos dos grandes costureiros franceses e americanos. *Voga* é impresso em 16 páginas de magnífico papel e tôda a sua colaboração é cuidadosamente escolhida de forma a poder substituir com vantagem as revistas similares estrangeiras.

CADA NÚMERO (AVULSO) ESC. . . . . 1$50

A' venda em todas as livrarias, tabacarias, e em casa de todos os agentes e correspondentes das

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

A quem devem ser dirigidos todos os pedidos de assinaturas

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30--Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25--Lisboa

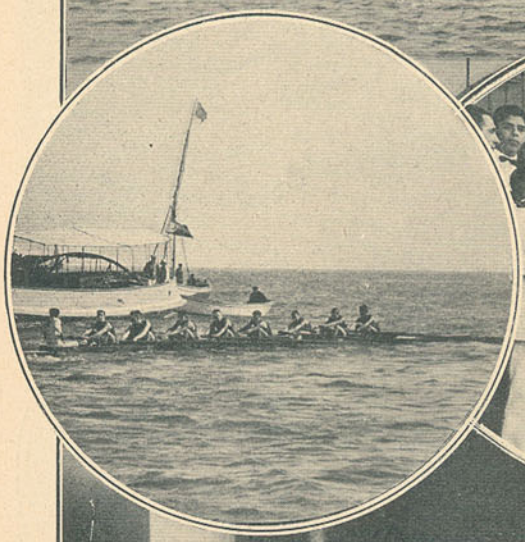
DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA
DIRECTOR-TÉCNICO: FELICIANO SANTOS

ANO 2.º — NÚMERO 43
PUBLICAÇÃO QUINZENAL
1 DE OUTUBRO DE 1927

AS REGATAS EM CASCAIS

DOIS «BUQUES» EM PLENO VENTO. A PROVA DÊSTE GÉNERO DE BARCOS DESPERTOU GRANDE INTERÊSSE, POR HÁ MUITOS ANOS NÃO SER INCLUIDA EM REGATAS

AS REGATAS EM CASCAIS



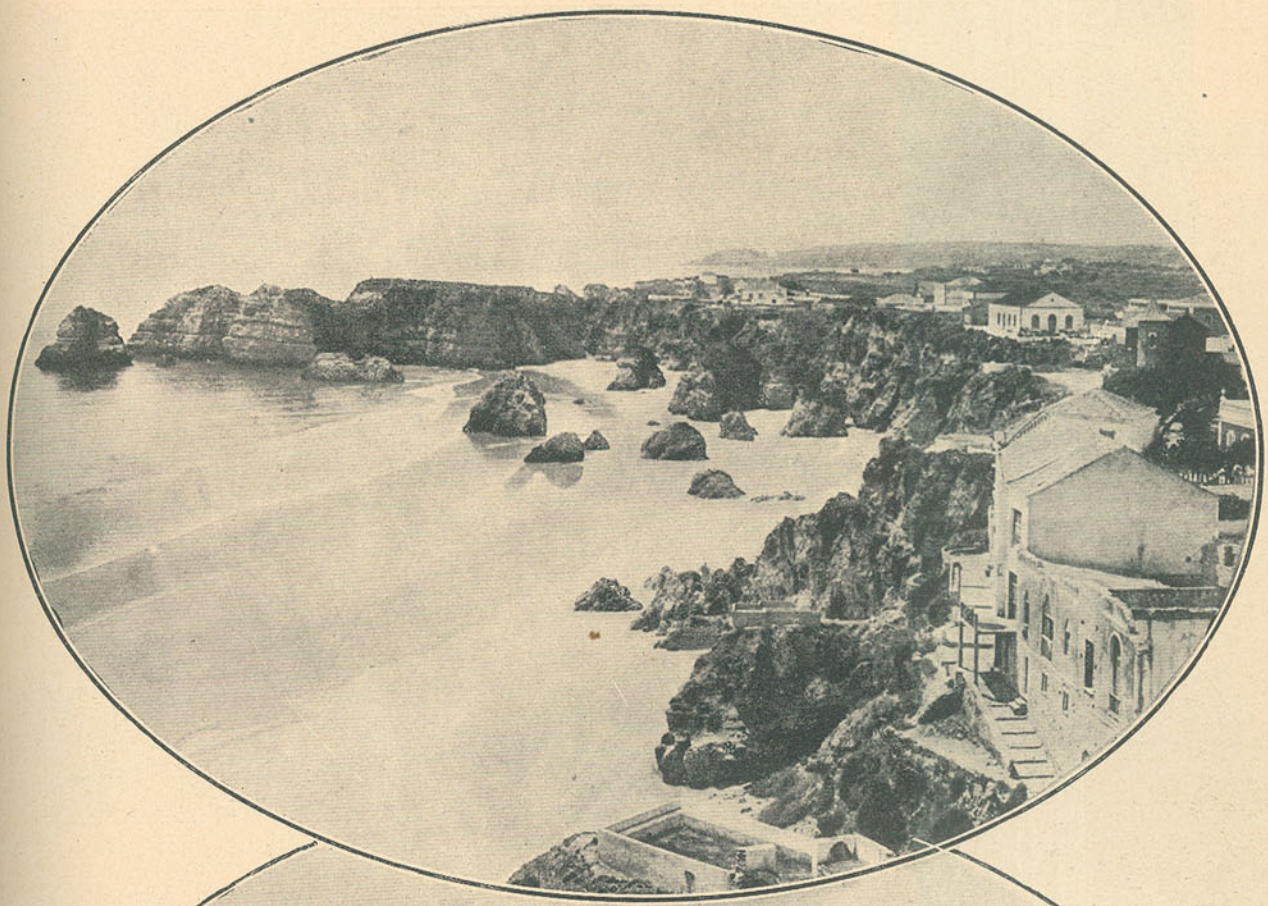
EM CIMA: A canôa «Marília», que obteve a segunda classificação na prova «Ar ações diversas»

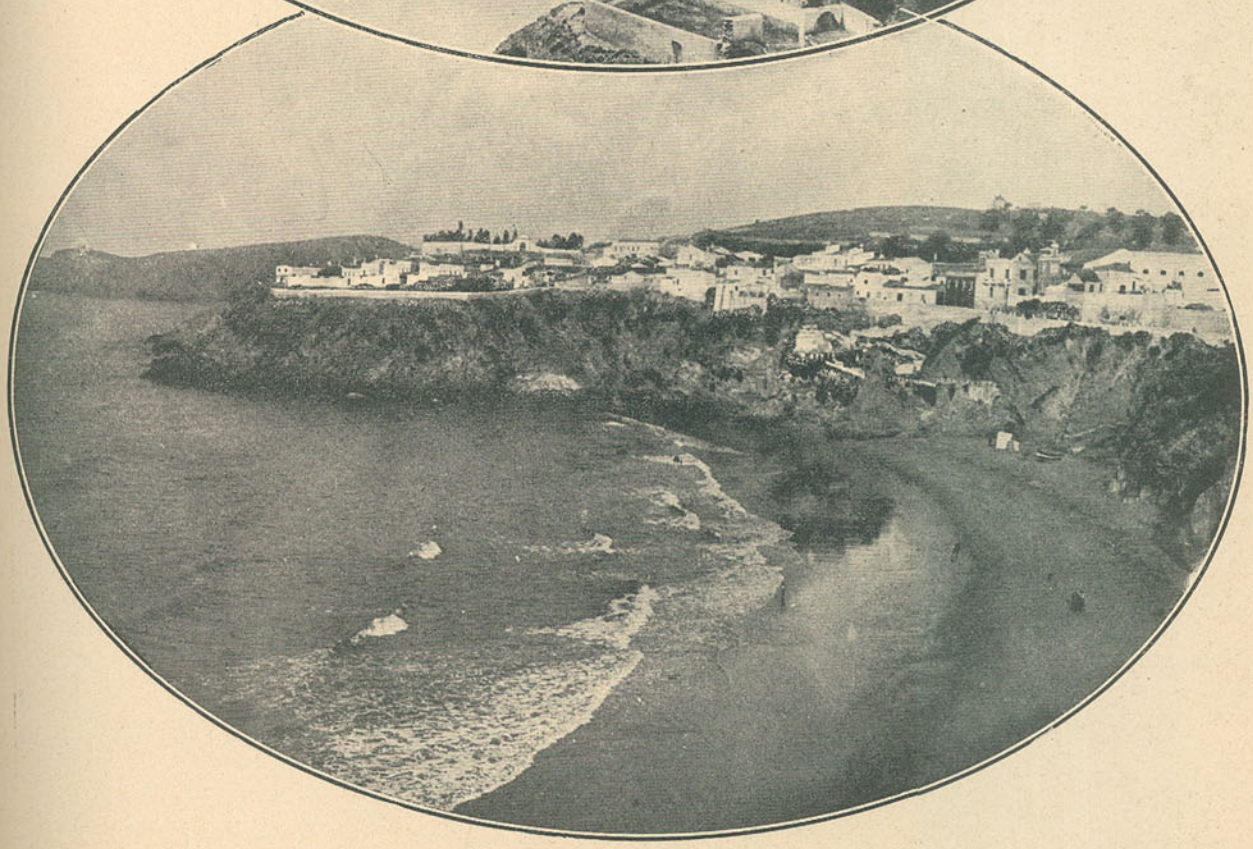
NO MEDALHÃO: O *sub-rigger* do Club Naval, vencedor da prova de oi o remos

NA OVAL: sócios do Grupo Náutico P rtuguês, promotor das regatas e alguns dos concorrentes às provas realizadas

EM BAIXO: Aspecto do baile realizado o Casi o Internacional do Monte Estoril, na noite de 18 de Setembro, após a distribuição dos prémios

AS PRAIAS PORTUGUESAS





Completando a reportagem do nosso último número sôbre praias portuguesas, inserimos dois aspectos de duas das mais interessantes praias do sul do país: a Rocha e Albufeira

ACTUALIDADES

EM CIMA: aspecto da assistência à inauguração do novo salão cinematográfico «Odeon», um dos melhores de Lisboa.—NA OVAL: Os conhecidos horticultores portuenses, srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, realizaram, na sucursal do «Século», a sua exposição anual de frutas, a cuja inauguração assistiu o sr. ministro da Agricultura

Em casa da mãe da noiva realizou-se, em 24 de setembro findo, o casamento da sr.ª D. Carmina de Sousa Carvalho, filha do falecido capitalista sr. Heraclides de Carvalho e da sr.ª D. Maria Gonçalves Carvalho, com o sr. Dr. Bento dos Santos Silva

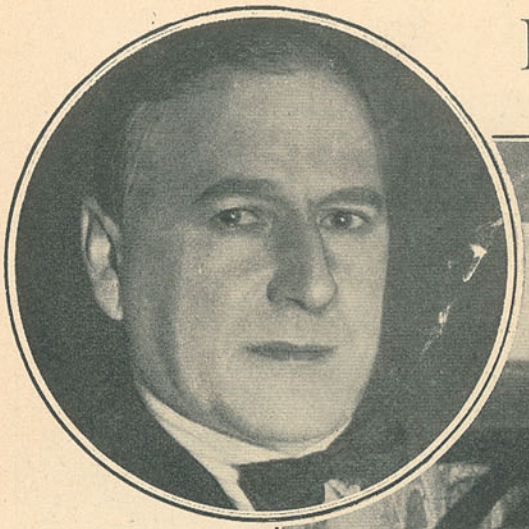
ACTUALIDADES

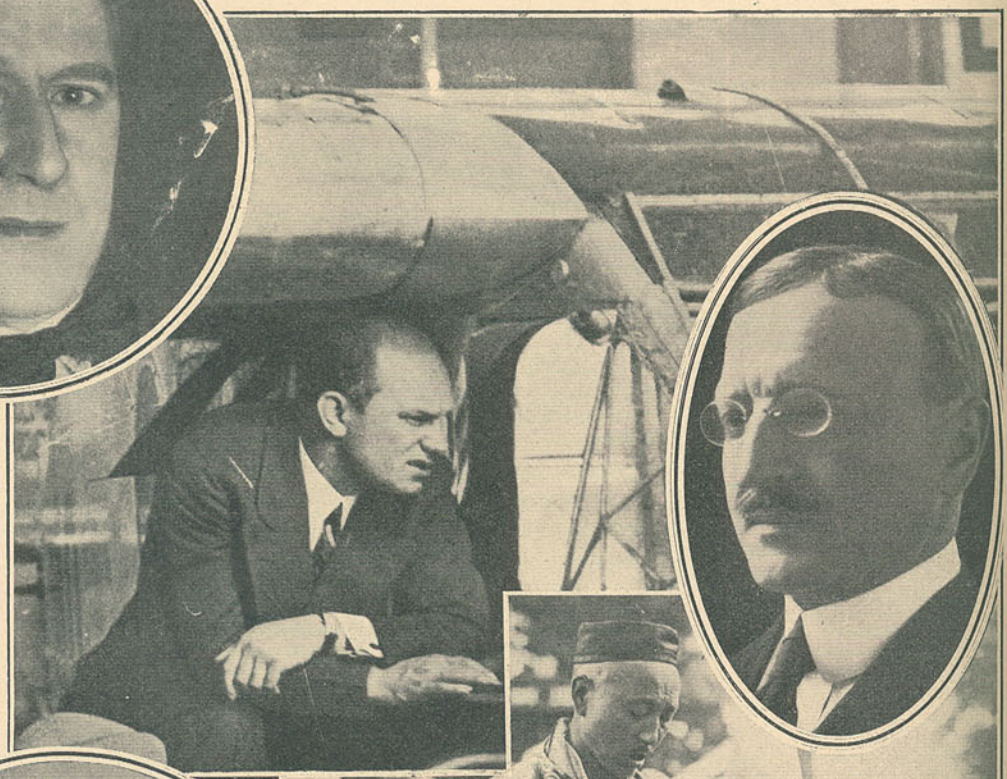
EM CIMA: Grupo de senhoras que auxiliaram os cavaleiros, que tomaram parte numa «ginkana» realizada na Póvoa de Varzim

EM BAIXO: Assistência ao almoço oferecido pelo barítono brasileiro sr. Silvio Vieira, a alguns dos mais distintos membros da colónia brasileira no Porto

NA OVAL: Os três audazes dinamarqueses, que se encontram no Porto, que se propõem atingir a India, po escalas sucessivas, na frágil embarcação a remos que a gravura representa

POR ÊSSE MUNDO





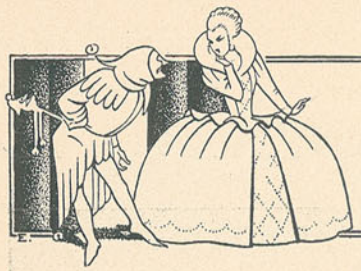
No medalhão: Rakowsky, embaixador dos Soviets em França, com quem se deu, recentemente, um grave incidente diplomático.—*Na oval:* o Conde Nardini, vice-cônsul da Itália em Paris, assassinado por um seu compatriota. — *Ao centro:* o milionário Levine, proprietário do avião «Miss Columbia», a bordo do qual fugiu para Londres, por motivo do contracto que o prendia ao aviador Drouhin. — *Em baixo: na oval,* o homem-cão, fenómeno que habita nos arredores de Paris. — Um chinês que, em Deauville, joga nas corridas como um europeu

(Clichés Henri Manuel)

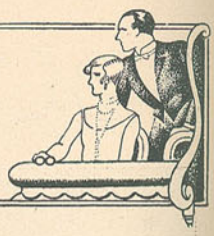
SOCIEDADE ELEGANTE

MADAME MAURICE VAN HAERSMA DE WITH

Esposa do ilustre Ministro da Holanda em Portugal, com seu filho, Guilherme Mauricio. Madame de With, que alia à nobreza do seu nome uma rara beleza e distinção, ocupa na sociedade de Lisboa um lugar de notável destaque



Teatro



OUTROS TEMPOS...

Eu tinha acabado o meu curso no Conservatório Dramático.

Que grande curso era então!

Dois anos de lições de dicção com o grande mestre João Rosa, que nos fazia representar trechos do *Frei Luís de Sousa*, e que nos afirmava — a nós discípulos — que a Emprêsa Rosas & Brasão não podia representar aquela peça no *Teatro D. Maria II* porque não tinha elementos para bem a desempenhar. E estavam lá, ao tempo, João Rosa, Augusto Rosa, Eduardo Brasão, António Pedro, Pinto de Campos, Virgínia, Rosa Damasceno, Amélia da Silveira, Carolina Falco, Emília Cândida e outras tantas figuras secundárias que emparelhavam em categoria com aqueles grandes artistas!

E não se podia representar o *Frei Luís de Sousa!* Porquê?

Calculo eu que talvez fôsse por decôro e probidade artísticas; ou talvez, também, porque a obra-prima de Almeida Garrett lhes merecesse todo o respeito e veneração! Tolice, decerto!

E no entanto, depois dêles, que não quiseram *propositadamente* interpretá-lo, quanta vez já se tem representado e agradado sempre!

Aqueles Rosas & Brasão tinham às vezes exquisitices! Isso tinham!

Tam exquisitos e tam caturras que não se atreveram a pôr em scena o *Frei Luís de Sousa* e representaram o *Alfageme de Santarem* do mesmo autor, desempenhando João Rosa o *Froilão*, Eduardo Brasão o *Alfageme Fernão Vaz*, Augusto Rosa o *Nuno Álvares Pereira*, Rosa Damasceno a *Alda* e Carolina Falco a *Guiomar*.

As *rábulas* eram desempenhadas por *Lucinda do Carmo, Umbelina Antunes, Augusto Antunes, Joaquim Ferreira, Alfredo Santos, Carlos Posser...* enfim pelos *rabulistas*, que outro valor não tinham *êsses* nomes que acabo de citar.

O que lhe valia a esta gente era ser naquele tempo, que o público os *admitia* e *aceitava!* Havia de ser hoje, com as exigências do *Teatro ultra-moderno!*

Que artistas! Que elenco!!

Por isso êles não se atreveram a pôr em scena o *Frei Luís de Sousa!*

Mas tiveram a audácia de representar a *Estrangeira, Dionísia, Hamlet, Otelo, Amigo Fritz, Abade Constantino, Luís XI, Duque de Viseu, Velhos, Regente, Triste Viuvinha, Dor Suprema, Leonor Teles...*

António Pinheiro — João Rosa — Augusto Rosa

Por isso os puseram de lá para fora! Por isso se moveram contra êles campanhas demolidoras!

E fizeram muito bem! Se não fôra assim onde teria chegado o teatro português?

À maior decadência, naturalmente!

.....

Voltemos ao Conservatório.

O Real Conservatório de Lisboa, como então se chamava a instituição instalada no antigo convento dos teatinos, na Rua dos Caetanos, tinha ao lado, junto à capela, a *aula* régia das Mercês, regida por D. Maria José da Silva Canuto, professora que se dedicou à causa da instrução, motivo pelo qual foi louvada freqüentes vezes. Esta *mestra-régia* falecida em 1900 deixou numerosas produções poéticas espalhadas por diversos jornais e publicou além duma tradução do *Jocelyn* de Lamartine, *Páginas soltas dum livro espedaçado, Excavações, Conferências Pedagógicas* (1868).

O Real Conservatório — ia eu dizendo — era composto de duas secções, — a musical e a dramática, — sob a direcção do famoso poeta romântico Luís Augusto Palmeirim, o Beranger português, como lhe chamaram, porque muitas das suas canções, *postas em música* pelos maestros Rodrigues da Silva, Salvin, Freitas Gazul e Ângelo Frondoni, foram cantadas e decoradas pelo povo.

As nossas lições, os nossos exercícios, as nossas *representações*, eram realizadas numa das antigas celas daqueles bons frades, em cima do pequeno e baixo estrado que sobpesava a mesa e a cátedra do professor. Retiravam-se ambas e ali dizíamos, e ali interpretávamos, os nossos trechos dramáticos.

Naquela cela, e em cima daquele estrado, eu e Maria Júdice da Costa, a cantora que depois se afirmou notóriamente em quási todos os teatros líricos da Europa e da América, ela interpretando a Madalena de Vilhena e eu o Telmo Pais, ali, sob os olhares e sob a direcção exímia de João Rosa, passámos dois anos da nossa mocidade nas primícias da nossa aprendizagem artística.

E além dos trechos do *Frei Luís de Sousa*, também *representávamos* a *Roca de Hércules*, um *lever-de-rideau* de Manuel Pinheiro Chagas, muito em voga no tempo. E eu, com os meus 17 anos, ora me curvava e me *incarnava*, com o meu modesto trajo de cole-

gial, na figura do *escudeiro valido, do familiar quási parente, do amigo velho e provado do senhor D. João de Portugal,* ora fiava aos pés de *Omfale,* que era a minha condiscípula Maria Júdice da Costa, hoje distinta colega, não em canto, — isso queria eu! — mas em teatro dramático.

Nenhum dos outros meus camaradas de então abordou, sequer, o teatro. Só Maria Júdice seguiu a carreira lírica, depois de ter cursado, no mesmo Conservatório, canto teatral com Melchior Oliver, e eu a dramática.

Ela apresentou-se em S. Carlos, cantando a cega da *Gioconda* para depois seguir para Itália; eu estreei-me no Visconde de Penemark do drama *Nobres e Plebeus,* no antigo *Teatro do Gimnásio Dramático,* que era o verdadeiro e paradoxal título daquele ardido teatro.

Era empresário então do Gimnásio, José Joaquim Pinto, o *Pinto da pêra,* porteiro — como quem diz, chefe do pessoal menor — do Supremo Tribunal de Justiça e que já anos antes tinha sido empresário do Teatro da Rua dos Condes, do Príncipe Real e do D. Maria II, de camaradagem com José Carlos dos Santos, o *grande* Santos *Pitôrra.*

O José Joaquim Pinto era um tipo original. Alto, de grande bigode e de comprida pêra, chapéu mole de abas largas, assemelhava-se na figura a El-Rei D. Fernando, segundo marido da raínha D. Maria II.

Fumando e mascando, mais mascando do que fumando, constantemente, um charuto, êle deambulava pelo salão do Gimnásio, pela bilheteira, num aparente indiferentismo às coisas do teatro. Possuia êle uma das principais condições do empresário de teatro: — coragem para perder e indiferença para ganhar. E, nota curiosa: quanto mais perdia, mais sorridente aparecia a todos. E quer perdesse ou ganhasse tinha sempre uma graça, uma facécia, um dito, a propósito de qualquer caso ou episódio.

Êstes, por exemplo:

O Pinto, ia muita vez para a bilheteira do Gimnásio, e juntamente com o Santana, camaroteiro, vendia bilhetes para o espectáculo.

Numa das noites, havia pouco ainda que tinha começado o espectáculo, quando irrompeu junto da bilheteira, muito afogueadamente um espectador anónimo. Pediu um *fauteuil* e reparando que no átrio do teatro já não estava pessoa alguma, disse para o Pinto, um pouco estomagado:

— Então já principiou o espectáculo?!

O Pinto, dando-lhe o bilhete e o trôco, respondeu-lhe serenamente:

— Já, sim, meu senhor. Eu não sabia que V. Ex.ª vinha hoje ao teatro!

.....

O Infante D. Afonso costumava realizar naquele teatro umas récitas em benefício do *Instituto Ultramarino,* que tinha sob a sua égide. Êle é que escolhia as peças que haviam de compor o espectáculo, e para isso mandava pedir ao Pinto umas tantas, que então lia, escolhendo depois a que se deveria representar. Para um dêsses espectáculos escolheu o Infante D. Afonso, a comédia em três actos — *Alegrias do lar.*

Eduardo Brasão — António Pedro — Virginia Dias da Silva — Rosa Damasceno

À noite foi para o seu camarote e depois de ter começado o espectáculo notou, com estranheza, que não era aquela a peça que êle tinha escolhido, pois que a que se estava representando era — *Doidos com juíso.*

Não gostou o Infante do caso e disse para o camarista, que o acompanhava:

— Vai lá dizer ao Pinto que êle me intrujou. Escolhi as *Alegrias do lar* para o espectáculo e êle dá-me os *Doidos com juíso.* É uma malandrice!

Sua Alteza era um pouco *sôlto* no dizer!

O camarista desceu ao átrio, procurou o Pinto, e adoçando o *dizer* do Infante, dirigiu-se-lhe, à Luís XV:

— Sua Alteza manda dizer a V. Ex.ª que estranha imenso que tendo êle escolhido *Alegrias do lar* para o espectáculo desta noite, não seja esta a peça que se está representando, mas sim *Doidos com juíso!*

O Pinto, mascando o charuto, respondeu:

— Tenha a bondade de dizer a Sua Alteza que me vi forçado a mudar a peça, porque o Telmo adoeceu e não pode representar. Como êle não entra nos *Doidos com juíso,* por isso substituí a peça. Sua Alteza que me desculpe e me perdôe.

O camarista subiu ao camarote e apresentou ao Infante D. Afonso a razão e o motivo justificativo da mudança da peça, repetindo-lhe as palavras do Pinto.

O Infante encordoou com a desculpa, *foi aos arames* — a memória de Sua Alteza que me desculpe o termo — e vociferou:

— Que vá para o diabo que o carregue!...

— Não foi esta bem a frase que os lábios de Sua Alteza pronunciaram, mas... — Diz lá ao Pinto que não seja intrujão, porque ainda esta tarde, quando eu descia o Chiado no *break,* vi o Telmo subi-lo a pé, e até me cumprimentou.

O camarista voltou junto do Pinto e transmitiu, não textualmente, mas à Pompadour, a observação do Infante.

— Sua Alteza manda dizer a V. Ex.ª que estranha muito a sua desculpa, porquanto ainda esta tarde, quando passava no Chiado, viu o Telmo subi-lo a pé e até o cumprimentou!

— Tenha a bondade de dizer a Sua Alteza que o Telmo não adoeceu dos pés, adoeceu da gargamta!

O camarista voltou ao camarote. No palco representava-se. Disse ao ouvido do Infante a resposta do Pinto e Sua Alteza soltou uma forte e franca gargalhada.

O público olhou para o camarote e fez:

— Schiu!

O que ninguem soube foi o que Sua Alteza disse, por entre-dentes, naquele momento.

Vila Fria, 18-VIII-1927.

António Pinheiro.

AS ÚLTIMAS HIPÓTESES

SÔBRE A CONSTITUÏÇÃO DO UNIVERSO

As antigas cosmogonias ocupavam-se exclusivamente do nosso sistema solar. Compreende-se, no entanto, que êste não pode isolar-se do conjunto universal, tanto mais que os cálculos matemáticos nos explicam certos fenómenos resultantes de acções exercidas na constituição dêste sistema por astros existentes fora dêle. Assim pôde ser atribuida a rotação total do sistema planetário a desvio produzido pela influência das estrêlas vizinhas; explicou-se que as condições de resistência do meio permitiram a rápida regularização das órbitas dos planetas, tornando-as sensivelmente circulares; demonstrou-se que a mesma influência dos astros próximos impediu nove décimas partes da matéria primitiva de se aglomerarem e condensarem em sóis e estrêlas. Assim se formaram inúmeros planetas e cometas em tôrno de cada Sol.

Portanto, como para formar hipóteses sôbre a origem e constituïção da Terra é forçoso considerar todo o sistema solar, assim também, em relação a êste, se não pode abstraír dos outros sistemas que constituem o Universo. Sôbre êstes temos presentemente conhecimentos mais extensos, que adquirimos mercê dos aparelhos gigantes montados nos grandes observatórios americanos: por exemplo, o telescópio de 1m,83 de diâmetro do observatório de Vitória (Canadá), o de 2m,50 de Mont-Wilson (Estados Unidos). Assim se conseguiu medir os diâmetros das estrêlas e resolver as nebulosas espirais em montões de astros.

Os astrónomos empregam unidades de medida apropriadas às imensas extensões que estudam. Teem tanto sentido para êles o quilómetro ou a légua, como teria um milésimo de milímetro para um vendedor de panos. As distâncias compreendidas entre astros de sistemas diferentes são expressas em anos de luz, isto é, em distâncias iguais à que é percorrida por um raio de luz no espaço de um ano.

É assim que nos afirmam estar o nosso Sol quási no centro da Via Láctea, mas a 200 anos de luz ao norte do plano médio dessa constelação.

Pertencemos, portanto, à Via Láctea, aquela Estrada de São Tiago, que tôda a gente conhece. Nesta constelação as estrêlas não se repartem homogèneamente, sendo tanto mais raras quanto mais próximo da periferia. No plano da Via Láctea, deixam de existir estrêlas a 100:000 anos de luz, partindo do centro. No plano normal a êste a densidade de astros decresce com rapidez seis vezes maior. Êsses astros agrupam-se em núvens estelares ou em montões irregulares e pouco condensados, distando uns dos outros, em média, 5:000 anos de luz. Entre êles ficam espaços vasios, os *sacos de carvão*, que também teem sido considerados como montões de matéria opaca.

Fora da Via Láctea, mas no seu plano, existem os *montões globulares*, de maior condensação de estrêlas. Contam-se cêrca de 80, e num dêles puderam isolar-se 50:000 estrêlas. Mais longe encontram-se as *nebulosas espirais*, em número de cêrca de um milhão. A mais próxima, visível a ôlho nu, é a de Andrómeda. O seu diâmetro é aproximadamente um décimo do diâmetro da Via Láctea e dista de nós 600:000 anos de luz..

Temos estrêlas de três côres: branca, amarela e vermelha. As brancas apresentam as riscas espectroscópicas do hidrogénio e do hélio, e a sua temperatura vai de 12:000 a 8:000 graus. As amarelas mostram riscas numerosas devidas a metais. Nas vermelhas há manchas sombrias, e a sua temperatura não vai além de 3:000 graus. O nosso Sol é amarelo.

Todo o Universo se move. O Sol com a velocidade de 20 quilómetros por segundo. A Via Láctea com a de setecentos quilómetros. Os montões globulares aproximam-se da Via Láctea; as nebulosas espirais afastam-se dela.

Esta aglomeração da matéria difusa formando astros é fatalmente determinada pela sua constituïção, logo que esta não seja perfeitamente homogénea. Qualquer ponto de mais forte densidade torna-se centro de atracção.

A união de dois átomos, no seio de matéria dispersa é bastante para concentrar uma massa igual à do Sol no espaço de 300 milhões de anos.

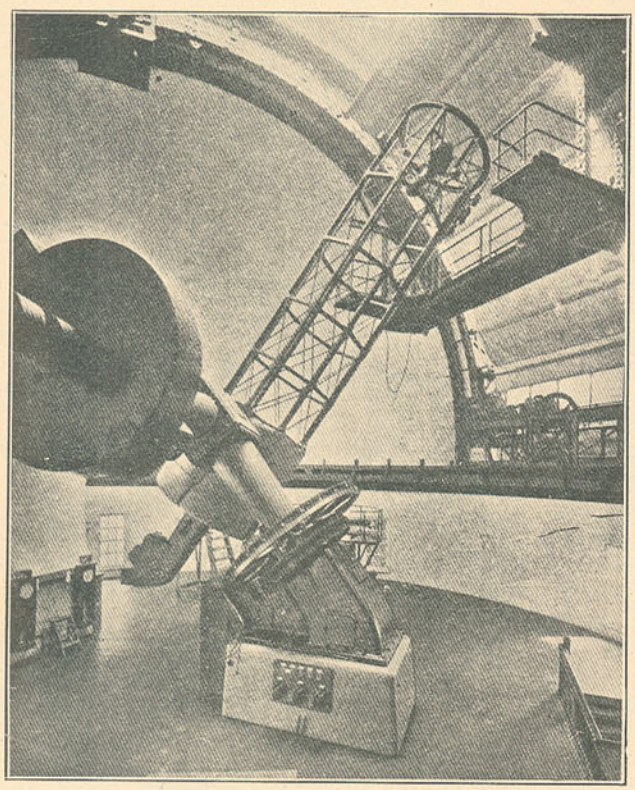
A temperatura de formação dessa massa ascenderia a 10:000 graus.

Hoje, o átomo já não é aquele corpo simples, como era considerado há poucas dezenas de anos. Essa mínima divisão da matéria tem constituïção tão complexa como a do sistema solar com seu astro central e seu cortejo de planetas. Enquanto estivessem isolados os corpúsculos eléctricos consituintes do átomo, nem existiria matéria, nem seriam aplicáveis as leis de gravitação. O Universo, tal como o conhecemos, teve a sua origem no primeiro átomo material que se formou. E essa formação foi condição bastante para a constituïção de um sistema como o nosso sistema solar.

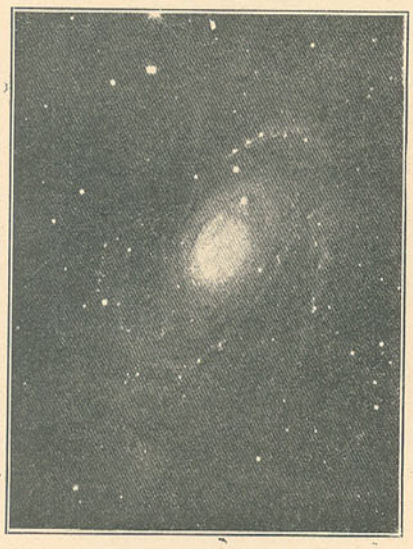
As estrêlas esfriam por radiação, e a essa condição está sujeito o nosso Sol. Mas o esfriamento dos astros que brilham actualmente não importará o fim do Universo, visto que êste é um conjunto em evolução, onde concentrações de matéria se vão realizando, desenvolvendo conseqüentemente energias manifestadas por altas temperaturas.

Assim se vão formando novas fontes de calor e de luz dando condições de vida a humanidades presentes e futuras.

F. MIRA..



Telescópio equatorial de 1m,83 de diâmetro, do Observatório de Vitória



A nebulosa espiral M. 81. *Ursa Maior*

LIVROS E ESCRITORES

Inteligências nadas e criadas em Portugal que se dediquem à sciência, só lhes damos crédito e fé quando saiam a fronteira, alcancem lá por fora respeito e nomeada e voltem depois para aqui, empurradas pelo estrangeiro. Então, sim, que lhes abrimos, e mesmo assim tìmidamente, os braços. Supérfluo é, pois, dizer que o sr. dr. Mendes Corrêa não escapou à desconsoladora regra. Só depois de nos chegar aqui o eco da consagração obtida pelos seus muitos e sérios trabalhos sôbre antropologia em diversos e importantes congressos scientíficos internacionais em que tomou parte, é que começámos a pronunciar o seu nome com atenção. Um dos seus mais valiosos trabalhos até hoje dados a lume é o *Homo*, que versa o momentoso problema da origem do homem. Reedita-se êle hoje, mas, à justa, com a feição de obra nova, de tal modo o autor se deu a refundi-la, para, com escrúpulo de sábio, lhe introduzir tôdas as aquisições que, nos últimos anos, o estudo tem arrolado nessa matéria. E há, na verdade, assunto mais ao sabor ainda de apaixonadas controvérsias? Cada investigador apresenta a sua solução, que não tarda a ser derrubada por a doutro. Mas não se proclame estéril êste esfôrço. Ainda que cada uma dessas pretensas soluções não traga senão um átomo, quási invisível, de verdade, assim, lento e lento, se vai profundando o sentir íntimo do universo. No livro do sr. dr. Mendes Corrêa tôdas essas teorias são explanadas e sujeitas a crítica.

Para que a terra portuguesa se converta em vasto pomar, alegria dos nossos olhos e delícia do nosso paladar, produzindo tanto quanto baste aos seis milhões de bôcas indígenas e ainda para expedir, a trôco de compensadora pecúnia, para aqueles países onde a natureza é menos pródiga, — não mingua nem o poder nutriente do húmus nem tampouco a fôrça sazonadora do sol. Daquilo que temos, ùnicamente, falha é de sciência Trabucamos ainda, por processos empíricos, a terra, não sabendo extraír dela tudo quanto no seu generoso seio existe. Daqui, padecermos fome sôbre uma tulha cheia de mantença, que teimamos em manter fechada. Êste assunto da pomologia é dos que carecem de ser tratados com amor, e com acêrto anda o sr. J. Vieira Natividade, distinto engenheiro agrónomo, estudando-o a fundo. Na sua última contribuição para a nossa pobre literatura agrícola ocupa-se êle da *Poda das Fruteiras*, ministrando aos interessados um feixe de ensinamentos técnicos exemplificados no texto e em muitas gravuras. Adivinha-se no autor um grande carinho pelos frutos, às vezes tão belos como as mais perfeitas obras de arte, dando azo a supormos Pomona metida na ronda das Musas.

Multifacetada e opulenta de vigor e brilho é a obra de Coelho Neto, o escritor brasileiro que maior público desfruta entre nós: veja-se que a maior parte dos seus livros tem saído de prelos portugueses. Mas onde, em nosso parecer, ela atinge o acume do seu fulgor é naquelas páginas em que o eminente prosador pinta o sertão brasílico, na venustade de suas florestas, em muitos pontos ainda virgens do passo de homem, e nos usos e costumes, tão curiosos pelo seu carácter primitivo, dos seus naturais. Verifica-se isto no *Rajá de Pendjab*; romance refundido em nova estampa. Seu enrêdo, exuberante de imaginação, retrocede à época heróica dos bandeirantes e move figuras dum relêvo admirável, tais a de Gonçalo Peres e a de Poranga, seu servo índio. Por fundo, a natureza bravia, de verdadeira orgia de côres, da terra brasileira, em cujas descrições a pena do escritor se sentiu à larga e em clima próprio, traçando páginas de rara beleza.

A vida colectiva portuguesa tem-se apresentado nos últimos tempos o mais avêssa possível ao cultivo das letras, que exige uma atmosfera serena e carinhosa. Focados os espíritos nos acontecimentos de ordem política, o ano literário em decurso está sendo por isso mesmo um ano de crise, projecção, no campo da inteligência, da crise geral do país. Apatia do público, retraimento de editores, escritores sofrendo as agruras do exílio, êstes são já por si sintomas bem claros da anormalidade da época. Mas outro nos é dado verificar no próprio âmbito da nossa revista: ao

CONCURSO LITERÁRIO

aberto pela Ilustração *entre os nossos romancistas e novelistas concorreram até à data presente, marcada como termo do prazo para a apresentação dos trabalhos, apenas seis autores. Não haverá mais escritores de romances e novelas em Portugal? Decerto que os há, e de grande mérito. Mas as circunstâncas desfavoráveis do ambiente impediram-nos de apronlar as suas obras capazmente e a tempo. E porque alguns dêles nos expressaram o desejo, digno de consideração, de que não insistamos em ultimar neste momento o nosso certame, que dêste modo ficaria muito diminuído em seu signficado, facto tanto mais lamentável quanto é certo que do explendor e prestígio que êle alcançar na sua inicial tentativa dependerá a sua repetição em outros anos, — resolvemos prorrogar novamente o prazo dado, até 30 de Abril do proximo ano de 1928. Desta maneira, com o advento de mais candidatos, maior interêsse, sem dúvida, despertará o nosso empreendimento.*

Todos nós atribuímos à mocidade privilégios largos e belezas sem conta. À medida que ela se afasta, sentimos ser cada vez mais áspera a terra que pisamos e, instintivamente, não nos tolhemos de olhar para trás, em melancólica mirada de saudade. Parece-nos sempre que habitámos nesses dias ligeiros o paraíso e dêle fomos expulsos, ou que estivemos bebendo ambrosia numa fonte cantante que, de súbito, secou sob os nossos lábios e calou sua voz de feitiço. Amores, nenhuns mais tão embriagadores como os dessa era; sonhos luminosos como os de então, jámais os sonharemos similares; aspirações, nenhumas tão cheias de ideal nos voltarão a agitar a alma; — pensamos nós. Ilusória esta visão magnífica da mocidade? Sem dúvida: tôda a vida, desde a infância à senectude, é seara de alegria; ponto é haver quem a semeie e colha. Mas o êrro é comum e, por êle, todos nos devemos uns aos outros absolvição. Ela cabe, portanto, ao sr. dr. Orlando Marçal pelo seu último livro, *Mocidade Florida*, versos em que o autor brilhante das *Iluminuras* e *Aguas Claras* evoca o seu passado juvenil com alto sentimento de romântico. O poeta compraz-se em reviver o encanto dos dias longínquos em que todo o universo parecia partilhar dos anelos do seu espírito e comunicar poderosos alentos às suas afeições. As páginas que fecham o volume são ocupadas por muitas transcrições de pareceres honrosos, emitidos por gente de algo, sôbre as anteriores obras do autor.

A organização da vida económica nacional em moldes novos e mais profícuos impõe-se com urgência, pois o mundo de hoje não é o mesmo de ontem e muito diferem seus processos de produzir e comerciar. Cortar, por conseguinte, ainda que um a um, os tentáculos da rotina que a manteem estrangulada, é obra de prestimo e oportunidade. Entre os raros que nela se empenham conta-se o sr. engenheiro Mário Borges, que há tempos proferiu na cidade do Porto uma lúcida conferência sôbre o conceito moderno de *Governação Industrial*, conferência agora impressa com prefácio do sr. Bento Carqueja, mestre em tais assuntos. Aqui se ordenam inteligentes observações e preceitos relativos aos novos métodos de trabalho, tendo em vista a maior produção conjugada com um melhor, por mais salutar, aproveitamento da energia humana. Estas normas, aplicadas hoje, com inegável vantagem, em todos os países onde o progresso não é palavra ôca — hão-de, porém, ser acolhidas com estranheza por muita gente: ainda abundam entre nós, infelizmente, os chefes de indústria que de Fayolismo e Taylorismo sabem tanto como de grego os que desta língua nunca aprenderam uma letra sequer.

AS CRIANÇAS

ADITAMENTO À «MUSA LOIRA»

DE EDUARDO BARROS LOBO «BELDEMÓNIO»

Para muita gente, que só sabe ver as três dimensões, a criança é simplesmente um adulto em miniatura — um cavalheiro ou uma madama em escala reduzida. Ora eu que nunca escrevi livros de contos para petizes — essa especialidade literária pertence exclusivamente aos escritores sem filhos — mas sou pai com perto de seis anos de trato aturado — aturadissimo! — com as gracinhas e as birras do Bertinho, afirmo aqui solenemente que as crianças constituem todo um mundo à parte dos homens e das mulheres.

A infância é a anunciação de qualquer coisa que o tempo compromete e que o homem só grosseiramente esboça. Os anos passam, o corpo e a inteligência crescem, a criança vai-se metamorfoseando. E a infância que se some. E todavia não é fatal que assim aconteça.

A infância não é tanto uma etapa física e mental como uma disposição cândida, um perfume de alegria e uma volúpia de estouvamento que, através da obra do tempo, pode ficar pairando, balsâmico, a encher e doirar uma alma. Êsse *tic* da alma é perdurável e ai daquele — homem ou mulher — que perdeu de todo a infância, que não conservou dentro de si uma réstea dêsse estado virginal, dessa infantilidade que nos põe a sorrir, embevecidos, ante um ninho de passarinhos ou nos atira com os olhos iluminados, para o saboreio duma diabrura... As chamadas garotices das pessoas crescidas são, quási sempre, essa projecção da infância que não morreu.

Bendita e louvada seja a infância, que põe uma auréola luminosa na cabecita das crianças e quantas vezes arremessa sôbre as rugas do tempo e as calosidades criadas pela vida nas almas desfloradas dos homens e das mulheres, como um sol de Deus, um lampejo do paraiso...

BERTINHO RACIOCINADOR

Chego a casa. Meto a chave à porta. O Bertinho, que ouve o desandar da chave e calcula que devo ser eu, salta-me ao caminho, de lousa em punho, frenético, entusiasta:

— Ó pai! Ó paisinho! Vê o lindo comboio que eu desenhei na pedra. Vê como está bem feito!

Olho. São quatro riscos infantis. A chaminé parece duma fábrica. E as rodas, que são quatro, estão umas atrás das outras.

Bertinho explica:

« — Pus as rodas umas atrás das outras porque se as pusesse do lado de lá, do outro lado, não se viam. Não é verdade, paisinho? Assim vêem-se bem.

BERTINHO TEÓLOGO

Bertinho está em alvorôço nas vésperas da noite do Natal. A mãe disse-lhe que se fôsse bomzinho o Menino Jesus, descendo à meia noite pela chaminé, lhe deixaria lindos brinquedos nos sapatinhos. Bertinho interroga, escogita, torna a interrogar.

Depois do jantar, arrumada a cozinha, Bertinho quis que tudo se preparasse imediatamente para a recepção, que êle tinha como certa, dos presentes celestiais. «Ó mãe! É melhor pôr já os sapatos porque o *Jasus* pode ter que ir a muitas chaminés e vir cá antes da meia noite...» Como a mãe observasse que só depois dêle se deitar é que ela podia pôr os sapatinhos na lareira, Bertinho, que parecia estar ruminando esta ideia havia algum tempo, acudiu num pronto:

— Mas é que eu não quero que ponhas lá os meus sapatos: são muito pequeninos! Põe mas é os do pai, aqueles velhos, que estão lá dentro, que é para o *Jasus* poder deixar-me mais coisas...

Esta precaução do Bertinho revela tanto o seu senso prático como a alta ideia que êle faz da generosidade divina.

BERTINHO CALCULISTA

Bertinho descalçou as sandálias e veiu deitar-se ao meu lado sôbre a cama. Pomo-nos a conversar um pouco ao acaso. A certa altura, não sei como, fala-se de meninos ricos e de meninos pobres. (Devo confessar em abono do meu idealismo vagamente socialista que eu aproveito todos os ensejos para afervorar no meu garoto sentimentos de larga simpatia pelos que sofrem e são humildes). E pregunto-lhe:

— Dize-me lá, Bertinho. Com quem é que tu gostas mais de brincar: é com meninos ricos ou com meninos pobres?

Bertinho queda-se, por momentos, pensativo. E após sumária mas decisiva reflexão, esclarece-me:

— Com meninos ricos. Os meninos ricos sempre me podem emprestar os brinquedos que os pais lhes dão e os meninos pobres querem só brincar com os meus... Não emprestam nada!

BERTINHO FILÓSOFO

Quando foi da revolução de Fevereiro o pobre do Bertinho assustou-se com o estrondo dos canhões do *Carvalho Araujo* e com a crepitação das metralhadoras. Crivava-me de preguntas. «Ó pai, isto é guerra ou revolução?» Preocupado, enervado, por fim varado de amargura e de tristeza, eu nem sempre podia já responder ao questionário por vezes transcendente do meu filho.

— Ó pai! Os soldados são maus, pois não são, paisinho?

— Porque é que dizes isso, Bertinho?

— Porque estão a dar tiros e podem matar meninos...

— Não são maus, não.

— Porquê, pai?

— Êles não teem culpa.

— Porquê, pai?

— Mandam-lhes dar tiros...

— E quem é que manda dar tiros aos soldados, pai? É o comandante, pai?

— É o comandante, é.

Bertinho fica scismático, concentrado. E conclui:

— Então o comandante é que é mau, pois não é, pai?

E Bertinho, filósofo, ouvindo estralejar ao longe, interroga:

— É canhão ou *murtilhadora?*

BERTINHO ESPÍRITO FORTE

Bertinho teve uma bronco-pneumonia e esteve dois meses de cama. Sofreu muito. As injecções, sobretudo, desesperavam-no. Passado tempo, já restabelecido, como eu me opusesse à mãe que o queria levar para a rua excessivamente abafado, Bertinho atalhou justificando os cuidados maternos:

— Vê lá se eu apanho outra bronco-pneumonia e vou para debaixo do chão, — para os bichinhos me comerem...

Fico-me a olhar para êle. E disparo-lhe esta pregunta hamlética, soturna:

— Olha lá, Bertinho. Tu não tens medo dos bichinhos que comem as pessoas?

Bertinho sorri. É um espírito forte:

— Quero cá saber! No caixão eu não sinto nada...

BERTINHO EGOISTA

Por acaso êste Bertinho não é o meu. É outro. Não importa o nome. Nem eu o sei. O facto é que é tudo e êsse, irrefragável, como diria nos seus bons tempos coléricos e cloqüentes o sr. dr. Alberto Xavier. Na linha de Cascais um comboio de mercadorias trucida um pobre guarda da via. A consternação é geral no sítio. O desgraçado deixa filhos e viúva. Uma lástima, que comove tôda a gente. Bertinho, ouve falar da tragédia. Está nervoso. Mete o dedinho na bôca preocupado.

— Ó pai!

— Espera, filho!

E as lamentações continuam. «Coitado! Vejam que fatalidade! Que vai fazer agora essa pobre mulher com quatro criancinhas!...»

Bertinho não se pode conter. Agarra a manga do casaco do pai. Puxa por êle. Não o larga. Por fim consegue obter um momento de atenção. E pregunta:

— Ó pai, ó pai! E quem é que ficou com a corneta?

BOURBON E MENESES.

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE "EX-LIBRIS" EM PORTUGAL

Agora que se aproxima a primeira Exposição de *Ex-Libris* em Portugal, será oportuno lembrar que essa delicada espécie bibliográfica teve uma infância humilde e simples, como amplo início duma grande manifestação de actividade literário-artística. O *ex-libris* é de origem quinhentista e alemã e Albert Cim supõe que haja nascido sob o estímulo do frio ambiente de Nuremberg. As fases por que passou são muitas, são uma variada multiplicidade, figurando como principais a fase do «*ex-libris* heráldico» e a do «*ex-libris* ornamental ou fantasista». Pode-se dizer que metade do século XVII, em França, não o conheceu e não o usou. Mas, em compensação, o século seguinte, mercê dos sortilégios do buril de vinhetistas insignes, largo impulso lhe deu, convertendo-o num verdadeiro *bijou d'art*. É então que o *ex-libris* entreabre a policromada gama dos seus primores, do seu encanto, da sua beleza, do seu merecimento. É fulcro de disvelos de homens nobres, atracção dos cuidados dos artistas. No nosso país cedo criou raizes, e bem fundas. A par da iluminura seiscentista portuguesa, tam brilhantemente representada, há maravilhosos *ex-libris*, parecendo ser o de mais antiga idade, entre todos, o de Severim de Faria, cujo nome se evoca sempre que se visita a Sé de Évora, de que foi chantre.

Soberbo e majestoso no século XVII, o *ex-libris* vê desfeito o seu castelo de grandeza, e cai na banalidade. Mas, de súbito, eis que se levanta à prodigiosa altura a que hoje se alcandora. «L'ex-libris s'est relevé de nos jours sous la pointe spirituelle de quelques aquafortistes», leio em *La Grande Encyclopédie*. O *ex-libris*, que deve, sem dúvida, áureo passado às vinhetas célebres de Boucher e aos preciosos desenhos de Dürer, muito tem a esperar — honra lhe seja! — dos progressos da arte de bem gravar, aliada ao bom gôsto e à proficiência dos desenhadores. Sequeira, grande artista português, desenhou *ex-libris*, que presentemente constituem raridades. João Vasques é o primeiro bibliófilo, que, na opinião de Sousa Viterbo, o sábio erudito, adoptou *ex-libris*. Os nomes de possuidores de *ex-libris* e seus coleccionadores enchem largas colunas, tanto ontem como hoje. Foi sempre notório o culto ex-librista, que em Outubro próximo, de 4 a 10, vai ter elevada cerimónia nas salas da Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa.

* * *

Albert Cim, a pág. 232 do IV vol. de *Le Livre*, cap. III (Des catalogues et de la classification bibliographique), designa o *ex-libris* como uma «etiquette ou vignette que vous collerez ou avez déjà collée au

1.º prémio do concurso de «ex-libris» conferido a D. Raquel Roque Gameiro Otolini

verso du premier plat de la couverture». Ao lado do *ex-libris* coloca o «ex-dono autoris», dedicatória manuscrita que — diz êle — especializa o exemplar e lhe aumenta o preço.

Luis Derouet, presidente da Comissão Organizadora da 1.ª Exposição de «Ex-Libris» em Portugal

Neste momento, tenho diante de mim, a tradução feita por Jules Lande do importante *Manual de Biblioteconomia* do dr. Arnim Graedel, bibliotecário na Universidade de Berlim, e leio a pág. 183 êste conceito: «On peut employer deux systèmes pour marquer un livre. Le premier, dont on se servait surtout précédemment, consiste à faire graver ou coller à l'extérieur ou à l'intérieur de la reliure un *ex-libris*, armes, figure, ou dessein allégorique, accompagnés d'une légende, ou même d'une légende seule; le second, que l'on préfère généralement aujourd'hui, consiste à timbrer le livre lui-même». E na página seguinte acrescenta: «Les *ex-libris* collés généralement à l'intérieur des reliures, et qui une fois détachlés sont recherchés par les collectionneurs, ne diminuent en rien la valeur des livres, comme le ferait, par exemple, le timbrage.»

Colados ou gravados, os *ex-libris* são pequeninas obras de arte, que evidenciam capricho, paciência, educação e esmerado gôsto de quem os executou ou mandou executar. Quer sejam em forma de sêlo ou de carimbo, armoriados ou não, os *ex-libris* impõem-se à veneração de todos. Mais rudimentar é a forma manuscrita, exemplificada nas macarrónicas poesias dos escolares:

Ce livre est à moi
Comme Paris est au roi.

E os meúdos dos liceus escrevem no rosto das selectas e compêndios:

Se êste livro fôr perdido
E por alguém fôr achado,
Para me ser restituido
Leva o meu nome assinado.

Convém fixar a definição atribuida por Joaquim de Araújo: «*ex-libris* é a rúbrica demonstrativa da propriedade da espécie bibliográfica a que anda conjugada». As próprias palavras latinas *ex-libris* o dizem: dos livros, parte integrante dos livros.

O *ex-libris* tem a sua história, meia feita, e uma larga bibliografia, consubstanciada fortemente em descrições e monografias. De memória, cito os seguintes trabalhos por mim já lidos ou simplesmente folheados: Henri Bouchot, *Les ex-libris et les marques de possession du livre;* Poulet-Malassin, *Les ex-libris français depuis leur origine jusqu'à nos jours;* W. Hamilton, *French Book-plates for ex-libris collector's;* L. Fayan, *Collector's marks.* Entre nós, alguma coisa se tem publicado sôbre o assunto: Sousa Viterbo, *Heráldica literária;* Conde de Castro e Sola e Henrique de Campos Ferreira de Lima, *Revista de «Ex-libris» Portugueses;* Aníbal Fernandes Tomás, *Os «ex-libris» ornamentais portugueses,* duas séries de artigos ilustrados na revista quinzenal *Portugal Artístico;* Dr. Leite de Vasconcelos, *Ex-libris manuscritos;* Albino Forjaz de Sampaio, *Ex-Libris,* vol. n.º 20 da «Patrícia», etc. E ainda há poucos dias iniciaram os srs. Armando Matos e Gusmão Navarro a publicação do *Arquivo Nacional de «Ex-Libris».* As contribuïções e os subsídios vão surgindo, vão aparecendo, ombreando com o que de melhor se produz lá fora.

*
* *

O *ex-libris,* que teve em Adolfo Loureiro, escritor e engenheiro, o maior coleccionador português de *ex-libris,* está no presente momento reünindo esforços e congregando ideias, por parte de nacionais e estrangeiros, a fim de que a próxima Exposição nas salas da Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa marque como merece. Uma exposição notável? Brilhante? Magnífica? Será tudo isso, mais do que se espera: será uma exposição única. Outras exposições, maiores ou menores, virão por certo, em tempos posteriores, mas esta ficará sendo a *guarda avançada.* Ideia semeada é ideia para largos frutos e boas sombras. E a ideia da Exposição de *Ex-Libris* é uma ideia triunfante. Cabe a iniciativa ao ilustre director geral da Imprensa Nacional, sr. Luís Derouet, nome que eu prezo, não só como amigo, mas também como jornalista e bibliófilo. O

«Ex-libris» de Luís Derouet, desenho de Alberto de Sousa

seu labor literário anda a par dos seus afazeres burocráticos. E agora põe tôda a sua muita actividade ao serviço da tarefa a que lançou mãos e que teve o seu prólogo no concurso para o *ex-libris* da Biblioteca dêsse estabelecimento oficial.

Adjudicado o 1.º prémio a D. Raquel Roque Gameiro, o desenho desta distinta senhora figurará juntamente com todos os outros apresentados, classificados ou não, no certame de Outubro. Mas o interêsse é enorme. Nessa grande e extraordinária assembleia geral de *ex-libris,* ver-se-hão as siglas bibliográficas das Bibliotecas Públicas de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Évora; do Museu Etnológico Português, da Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto, da Real Biblioteca de Madrid, da Biblioteca Real de Bruxelas, das Bibliotecas de Francfort, Berlim, Zurich; Gand, Pisa, etc. Entre as particulares, posso citar colecções dos condes de Almarjão, de Castro e Sola, de Azevedo e da Folgosa, Ferreira Lima, Cardoso Marta, Jaime A. Moura, Perry Vidal, dr. Melo Breyner, João de Vilhena, Martinho da Fonseca, Assis Teixeira, Matias de Lima, Armando de Matos, Gusmão Navarro, Luís Keil, Frazão de Vasconcelos, etc. Um verdadeiro concurso internacional, certamente com um êxito que há-de ecoar em países ligados há muito à arte e à sciência do *ex-libris.*

*
* *

A exposição a realizar nas salas da Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa, atrairá sôbre o nosso país as atenções das nações civilizadas, as inteligências das almas cultas de todo o mundo, e todo o mundo se prepara para comparticipar no certame. Muitas são as colaborações, tôdas resultando um somatório potente. Verdadeira sinfonia de abertura, o poema entoado em homenagem ao *ex-libris* deliciará a todos nós e a todos nós encantará.

O problema do *ex-libris* é de vasta amplitude; imenso é o seu horizonte. Interessa aos publicistas, aos literatos, aos escritores, que vêem as suas produções acarinhadas e protegidas amorosamente. Interessa aos desenhadores e aos gravadores, que ficam com uma folgada margem de recursos materiais. Interessa aos estudiosos, noviços e experimentados, novos e velhos. A mim interessa-me também; de contrário, não comunicaria ao papel estas impressões, quando mais não fôsse para tam sómente render público louvor ao esclarecido espírito do sr. Luís Derouet pelo seu alto empreendimento em prol da nobreza do *ex-libris.* E da exposição, reflexo transparente do passado dos *ex-libris,* afirmação consciente do seu presente e condição firme do seu futuro — um futuro que poderá ser maravilhoso — há de resultar o reconhecimento da vantagem de se fundar entre nós uma Sociedade de Coleccionadores de *Ex-Libris,* nos moldes e dentro do desenho da instituição similar francesa, fundada — creio que sob bons auspícios — em 1893, isto é, há trinta e sete anos. E outras há por êsse mundo fora!

ADOLFO FARIA DE CASTRO.

LEITÃO DE BARROS — São Gonçalo de Amarante

CINEMATOGRAFIA

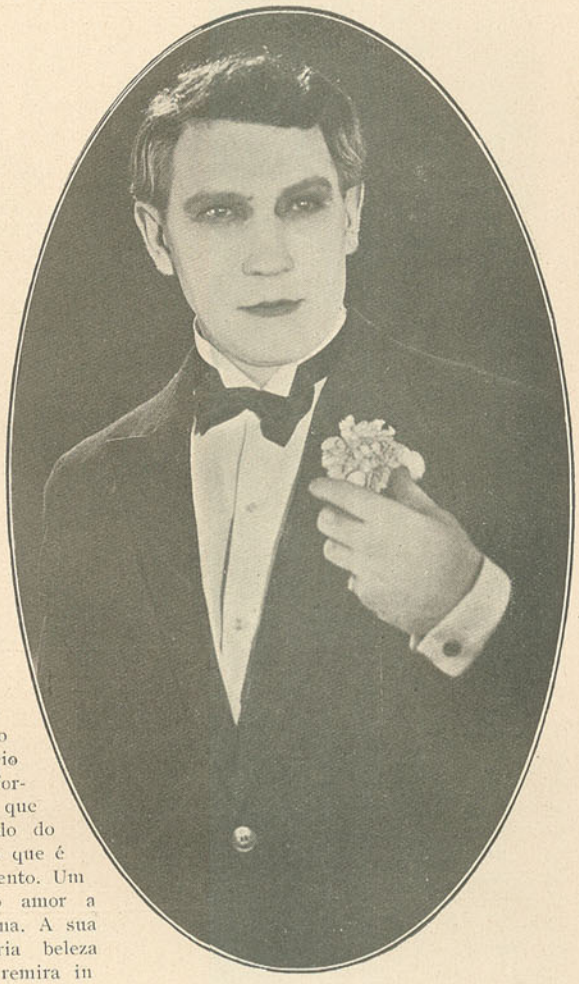
Marie Antonine Epstein é o mais alto expoente intelectual da cinematografia francesa. Marie Antonine Epstein não é realizadora, nem intérprete; é a autora de scenários que seu marido, o enscenador Jean Epstein, realiza depois. Mas são de tal ordem os assuntos apresentados, tão empolgantes e tão novas as ideias postas em jôgo, que, ainda que o realizador não tivesse o enorme talento que tem, os filmes que Marie Antonine Epstein compõe seriam sempre dos mais belos do mundo. A autora genial de «O cartaz», que já assombrou o público português, acaba de fazer realizar por seu marido o seu último argumento, que tem o sugestivo título de «6 1/2 × 11»... seis e meio por onze, as dimensões duma foto de amador.

* * *

João e Jerónimo de Ners são dois irmãos que passam a vida num mútuo amor que é tôda a sua saüdade pelos pais já mortos Jerónimo, o mais velho, alma grave e forte, é um médico de renome e quási um segundo pai para João, mais novo, alegre e nervoso, um pouco leviano, um filho de família rica como há muitos.

Já há muito tempo que João, pelo seu aspecto desorientado, causa profunda inquietação em Jerónimo. Um dia, o leviano rapaz, parte bruscamente sem deixar a direcção, o que causa uma dolorosa inquietação em Jerónimo.

Entretanto, longe, numa terra do Norte de África, onde o sol é doce no inverno e mortal no verão, está João num retiro delicioso, o «Palácio do Amor», com uma mulher formosa, Maria, artista lírica, que responde ao amor arrebatado do rapaz com uma complacência que é apenas distracção... divertimento. Um único amor a domina. A sua própria beleza que remira incansavelmente num espelho. Um empresário de passagem naquelas terras exóticas faz-lhe propostas deslumbrantes enquanto João, de passeio a uma cidade vizinha, compra, numa alegria infantil, um Kodak cujo reclame o atraíu, ao ler na montra em grandes letras: «Com um Kodak nada se perde e nada se esquece!...» Está tão alegre, tão cheio de confiança que, logo que volta ao «Palácio do Amor» gasta o seu primeiro rôlo de película em instantâneos de Maria em pleno sol. Mas a máquina 6 1/2 × 11 não podia decifrar o sorriso enigmático de Maria... João, no dia seguinte, em vão procurou a mulher amada... Tinha fugido com o empresário. Resta a João como recordação única o Kodak que ainda encerra as imagens da sua felicidade perdida, imagens que não tem a coragem de revelar. E a imagem da morte invade a sua alma torturada...



Jerónimo ia pela primeira vez sentir o amor

Comprara um Kodak que registaria os instantes mais belos do seu amor

Em Paris, tempos depois, Maria tem o nome de cartaz Mary Winter e é a estrêla favorita do público. Um ligeiro acidente no palco, proveniente da fadiga demasiada, faz com que chamem à beira do seu leito o mais célebre médico de Paris: Jerónimo de Ners. O encanto opera-se e Mary, pela primeira vez na sua vida sente o amor; amor por aquele médico tão grave, tão bondoso e tão triste. Envolvido na rêde dos seus encantos, Jerónimo confessa-lhe a causa da sua tristeza; há seis meses que não tem notícias dum irmão muito querido: João. Mary Winter lembra-se de tudo, mas não tem coragem de lhe dizer que foi ela quem abandonou João dando assim talvez causa ao seu desaparecimento e, cheia de remorsos, mais amor ainda dá ao bondoso e triste Jerónimo que, cada vez mais enamorado, aceita ir vê-la à sua récita de despedida, voltando assim ao mundo elegante que a sua dôr o fizera abandomar. Mas, no teatro, o seu criado entrega-lhe uma carta urgente que viera na sua ausência. É da prefeitura de polícia da cidade vizinha ao «Palácio do Amor» e pede-lhe que vá tomar posse do espólio do irmão desaparecido e que tôda a gente supoz que

Mary, entregue à sua súbita angústia, ouvio o grito do contra-regra...

se suicidou. No entreacto, Jerónimo diz a Mary o que se passa e pede-lhe que o acompanhe ao «Palácio do amor» naquela dolorosa peregrinação de saudade. Mary Winter sente a derrocada dos seus sonhos ; vai começar a expiação. Mas o contraregra grita : «tudo para a scena!...» E ela vai como um autómato...

No país do sol, Jerónimo, acompanhado de Mary Winter, instala-se no «Palácio do amor», onde encontra todos os pequenos objectos de seu irmão, que para êle são agora relíquias sagradas. Um livro de memórias incompletas diz tôda a amargura do desaparecido ao recordar a mulher que o desgraçou e revela um nome : Maria. Quem será ela ? Ninguém o poderá desvendar, naquele deserto, nem mesmo o jardineiro que tomava conta da vivenda porque está surdo e perdeu a luz dos olhos. Mas Jerónimo encontrou o célebre Kodak de 6 1/2×11, um Kodak autográfico onde a mão trémula de João escreveu : «Maria... ao sol» e ao lado uma brochura de publicidade que declara : «Com um Kodak nada se perde e nada se esquece». Mary Winter está no auge da angústia e vê nos olhos do homem que ama que êste nunca perdoará à mulher que foi causa da morte do irmão. O médico revela os negativos que lhe não podem revelar as feições da mulher e espera pelo sol do dia seguinte para tirar as provas reveladoras. Mary passa uma noite de agonia esperando a luz implacável, pedindo ao céu que a noite se faça eterna... Mas o sol ergue-se como um implacável justiceiro e Mary foge desesperada pelo deserto enquanto Jerónimo adquire a prova terrível que destroe a última ilusão da sua vida.

Mas uma caravana indígena recolhe Mary desfalecida, perigosamente enferma e o dever profissional impõe a Jerónimo, o único médico habitando na região, que lhe salve a vida. E ao médico aparece a verdade que completa a do folheto do réclame : «Nada se perde, nada esquece... mas tudo se expia». E Jerónimo sente que poderá, mais tarde, perdoar.

Entretanto, João aparece. Não se matara, escondera apenas de todos a sua fraqueza, trabalhou e é um homem forte que vem de novo unir a sua vida à forte vida do bom irmão. Seguem a estrada comum enquanto Mary volta, fatalmente, ao seu teatro para cantar na sua voz dorida, para grangear o óbulo de todos para o Natal dos pobres.

Era o passado que voltava, na alucinação estranha daquela película de Kodak...

Uma forma de bacteria do género «bacilli bulgaricus», está sendo empregada como processo para fazer com que os filmes se tornem mais duráveis e resistam mais ao uso.

A Metro-Goldwyn-Mayer está construindo presentemente uma verdadeira esquadrilha de embarcações, que vão desde a lancha-motor ao transatlântico. Essas unidades, em número de sessenta e três, estão sendo necessárias na produção de várias fitas.

O arrojado artista Jack Vance fez uma aposta digna de registo : apostou que iria de Los Angeles a Nova York (novecentas e tantas léguas!) dirigindo um automóvel, mas com as mãos atadas ao volante. O carro é portador dos primeiros rolos dos filmes «The Cloud» e «The Trail of 19», duas novas produções. Jack Vance tem que dormir, comer e dirigir o automóvel com as mãos presas. E se vencer a aposta, ganhará dez mil dolares. Vale a pena!

Abriu em Lisboa mais um grande cinema, o «Odéon», que seus proprietários, com um incontestável arrojo, quiseram apresentar como uma sala moderna, de bizarra decoração, dentro duma louvável sobriedade e com o máximo do confôrto dentro dos limites que o espaço restrito lhes impôs.

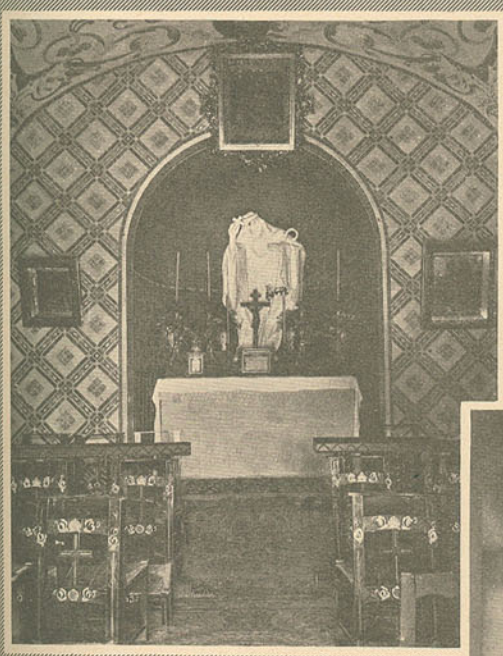
É, portanto, um cinema de ar cosmopolita e destinado, decerto, a grande futuro, tendo o seu «écran» destinado a fazer conhecer ao público lisboeta as melhores fitas da «Metro-Goldwin». A abertura efectuou-se com o super-filme «A viúva alegre», produção de Eric Von Stroheim, com John Gilbert, Mãe Murray, Roy d'Arcy e Georges Fawcett, filme que já foi objecto das atenções da nossa página cinematográfica e que conquistou um invejável sucesso. A orquestra, excelente, é dirigida por René Bohet.

A CASA PORTUGUESA

TÔRRE DE SAN PATRÍCIO (MONTE ESTORIL)

PROPRIEDADE
DA SR.ª D. MARIA ISABEL FERNANDES O'NEILL

DOIS ASPECTOS DO SALÃO QUE COMUNICA DUM LADO COM A SALA DE JANTAR, E DO OUTRO COM O GABINETE DE TRABALHO. A GRANDE LAREIRA GÓTICA E A ARQUITECTURA MEDIEVAL DOS VÃOS EM NADA PREJUDICAM O ARRANJO CONFORTÁVEL DO MOBILIÁRIO REPRESENTATIVO DE VÁRIAS ÉPOCAS



A CAPELA ESTÁ INSTALADA NO PAVIMENTO TÉRREO DA TÔRRE, ONDE SE VENERA UMA BELA IMAGEM DE S. PATRÍCIO — OBRA DO ESCULTOR ANJOS TEIXEIRA

GALERIA DO CLAUSTRO, COM A ESCADA AO FUNDO QUE COMUNICA COM O ANDAR NOBRE DA HABITAÇÃO

ARQUITECTO: R. L. *Clichés: San Payo*

FEMININA

ENQUANTO NÃO CHEGA O INVERNO

Os criadores da moda, prontas já as colecções de inverno, aguardam que o sol empalideça e os primeiros arrepios de frio lembrem à mulher que é tempo de reformar o seu guarda-roupa para finalmente divulgarem o fruto do seu trabalho e do seu estudo.

Novidades... tê-las-hemos, decerto, porque é indiscutível o intento de modificar a linha feminina, já por demais estacionária.

Que as sáias serão mais compridas, rodadas; que voltarão os *godets;* que as cinturas subirão; que a linha Império será hábilmente simulada, etc., etc.... E muitas outras modificações se anunciam para êste inverno, em que, finalmente, veremos sensivelmente quebrada a monotonia da silhueta implantada há alguns anos, com ligeiras variantes...

Mas daqui até que a moda de inverno nos seja francamente revelada, decorrerá ainda o resto dêste formoso outono dourado e tépido... E as grandes modistas, que sabem quanto é difícil conter a impaciência da mulher *coquette*, vão-lhe oferecendo, pouco a pouco, encantadores modêlos próprios para a meia estação: nem muito frescos — porque o calor não aflige—nem muito quentes—porque o frio ainda não obriga a resguardo...

E como a estação dos casinos está em pleno apogeu, as *toilettes* são, neste momento, — exceptuando as de viagem e *sport*, — dum luxo e de um *chic* estonteante. As casas Cyber e Bloch Baou, por exemplo, capricham em apresentar-nos hoje dois modelos para a meia estação, dúma elegância impecável.

O primeiro, que figura na parte inferior da página, criação da Cyber, é um elegante vestido-*manteau* de pano beige e veludo castanho muito escuro. O segundo — ao alto da página — é uma linda *toilette* para visitas, chá da tarde, etc., que a casa Bloch Baou nos apresenta realizada com marocain de sêda azul escuro e ornamentada com bordados de sêda e prata velha.

A simplicidade da linha que caracteriza estas duas *toilettes*, a forma *evasée* e os recortes das respectivas sáias, são já duas notas flagrantes de novidade e que marcarão entre as que mais sensacionais nos serão apresentadas no próximo inverno.

AS "GIRLS"

Já há tempo que êste termo nos vem soando de terras de França, trazido pelos entusiastas que regressam de Paris com os olhos ainda deslumbrados das magnificências das revistas parisienses.

Também entre nós, por aquele fatal espírito de imitação que em tudo guia e ampara a nossa iniciativa, as «girls» tiveram sua voga, sob a fórmula familiar e caseira de «Foz-Girls» e «Maria Vitória-Girls», tentativa de «graubretanhização» de inofensivas e mal remuneradas coristas portuguesas. As «girls», rainhas do ritmo, dominadoras do isocronismo, cheias de graça na atitude e de frescura nos sorrisos, só são possíveis, pelo menos só o teem sido, nos palcos parisienses, newyorquinos e londrinos, em quadros que o seu trabalho inteiramente preenche.

Um ensaio entusiástico e acrobático

O primeiro almoço e o primeiro exercício do dia

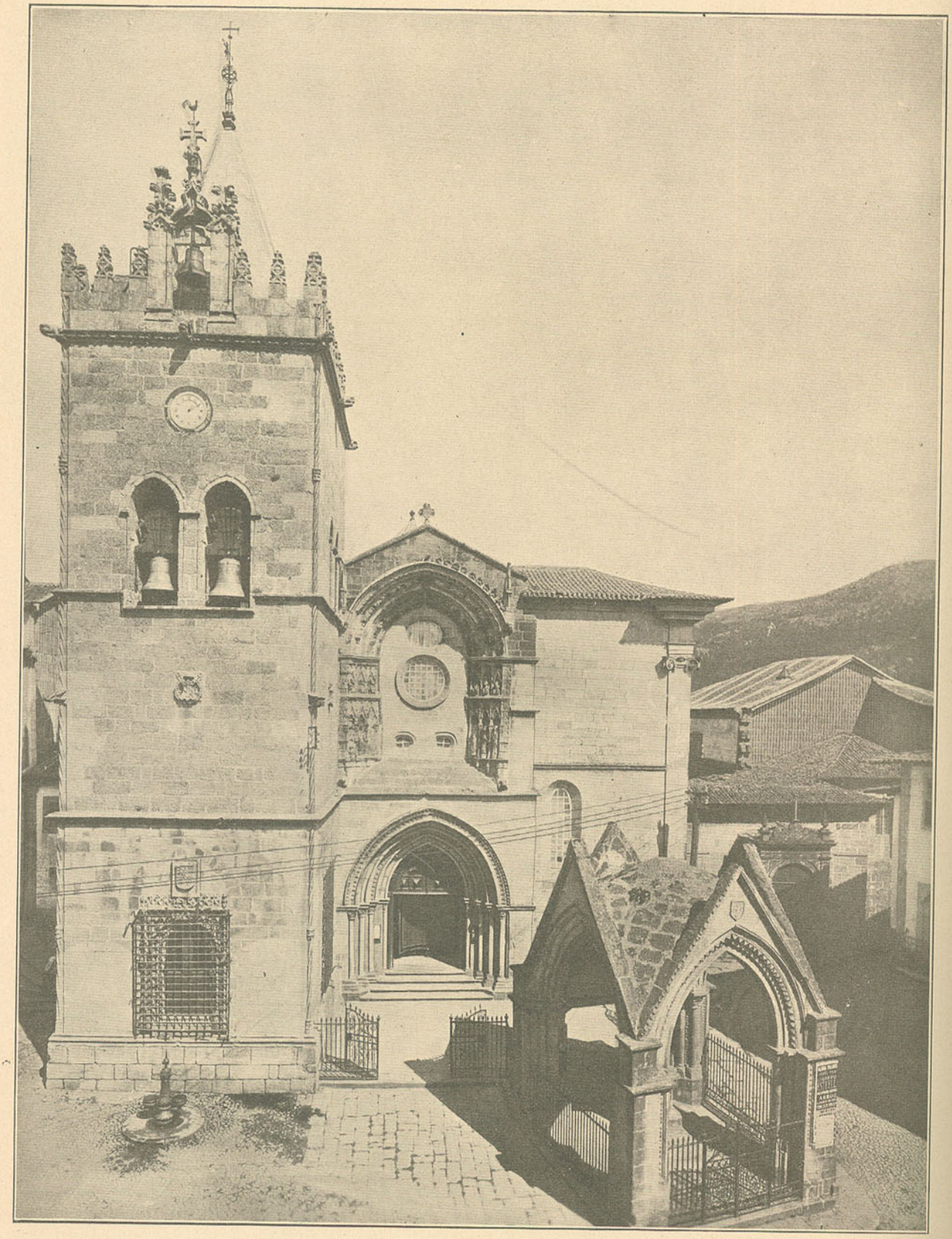
Clichés Henri Manuel

Entre as «girls», de fama mundial, que trabalham nos teatros de Paris, destacam-se as dezasseis que actuam no Casino. Chevalier, as Dolly Sisters e as «girls» são três impressões distintas e uma só verdadeira e agora, que Maurice e Yvonne andam percorrendo a América, ainda são as «girls» do Casino de Paris que tornam mais leve a sensação de vácuo que deixou a ausência do *couple* famoso Chevalier-Vallé.

Alegres na vida e na scena, magnificamente preparadas, por um exercício constante, para a realização dos três preceitos fundamentais da dança com que Isadora Duncan definiu a arte divina do movimento e da atitude, as «girls» constituem um dos encantos das revistas parisienses e só por admirar o seu trabalho se perdôam os pontos mortos dessas sucessões de quadros que constituem, em França, a revista.

Nesta página arquivamos três aspectos dum encantador grupo de «girls», em intimidade.

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



GUIMARÃES — Igreja da Oliveirinha, onde foi baptisado D. Afonso Henriques

IGREJA DE PAÇOS DE FERREIRA
Porta principal

DO ESTILO ROMANICO

Ao Dr. PEDRO VITORINO

Em dezanove séculos de civilização europeia só mente dois estilos se contam na sua arte arquitectónica: o greco-romano e o gótico. O romano não é um estilo original nem, tampouco, o manuelino, que dimana do gótico, nem o jesuita, que, limitado a deformar as linhas clássicas, não passa duma renascença abastardada. O bisantino não passa, também, duma viciação dos canones clássicos; o barôco e o rocócó caracterisam únicamente as linhas decorativas e não as arquitecturais.

Todos êles, pois, se filiam no greco-romano — áparte o manuelino, — cujo ressurgimento no alvorecer do século XVI constitui a renascença. Mas enquanto o gótico é um poema de espiritualidade, se impregna de religiosidade, nos comove e sensibilisa, porque nasceu do culto de Deus, o renascimento, repassado do paganismo original, é pesado, frio, hirto, materialista. É óbvio, todavia, que a pesar das íntimas ligações dêstes estilos, dispõem êles de caracteres peculiares, por mercê do que se definem por títulos adequados.

Lato é o período criador do românico, porquanto gastou quatro séculos, dês o VI ao X, no seu crescimento. Depois, até meados do trezentos, desenvolve-se e expande-se com plena pujança, embora já o gótico, germinado nos princípios de 1100, pompeasse com galhardia seus altos primores, como o atestam as soberbas catedrais de Notre Dame, Ciudad Rodrigo, Chartres, Lugo, Burgos, Léon, Guarda e as igrejas de Santa Cruz de Coimbra, Santa Maria de Alcobaça, etc., cuja opulenta imaginária representa consumadamente a intensiva e extreme energia religiosa do medievalismo.

Este paralelismo havia de ser nocente à primasia do românico, embora o estilo gótico fruisse famas de bárbaro. A meio do século XIII, pois, manifesta-se sua decadência, cujo final, todavia, só daí a um século se efectivou, conquanto em certas partes, Portugal entre elas, não desaparecesse completamente.

O estilo românico constitui a fusão de elementos arquitectónicos greco-romanos, bisantinos e locais, estabelece a transição entre as formas clássicas e as regionais; por isso, é lógico o seu grande desvio dos moldes primígenos. Às ordens religiosas, mórmente à de S. Bento — cujo mosteiro de Cluny se considera o berço da arquitectura românica, — cabe a principal acção do seu estabelecimento, pois que foram os monges os arquitectos e escultores das obras realizadas nos primeiros séculos da sua existência. E por seu intermédio, sobretudo pelo da casa benedictina, favorecido em grande parte pelas copiosas e devotas peregrinações a S. Tiago de Compostela e pelo govêrno episcopal de diversos prelados franceses, foi que a Espanha recebeu de França as normas e inspirações do novo padrão arquitectónico, portentosamente realizado nas catedrais de S. Tiago e S. Izidro. Em Portugal, porém, não foi adoptado textualmente, antes sofreu modificações, que, de certo modo, representaram sua nacionalização.

No entanto, as formas bisantinas eram já conhecidas na península, dês que a calcaram, no século VI, as legiões imperiais chegadas em socorro de Atanagildo, porque na sua companhia vieram muitos artistas do Oriente. E esta circunstância é curiosa, se nos lembrarmos de que a entrada do gótico se deve especialmente à visita de artistas normandos, não por motivos guerreiros, como além, mas por convites régios e episcopais.

As construções derivadas dêsse influxo bisantino marcam o período visigótico, ou seja o pre-românico, de cuja existência em terras portucalenses ainda subsistem a testeficá-lo as igrejas de Lourosa e Balsemão (Lamego), já estudadas pelos ilustríssimos arqueólogos Joaquim de Vasconcelos, D. José Pessanha e Virgílio Correia, a capela de S. Frutuoso (S. Jerónimo de Real, Braga), cujo estudo se deve ao notável arqueólogo Aguiar Barreiros, e a igreja de Santo Amaro (Beja), descoberta e estudada pelo exímio crítico de arte e arqueólogo Reinaldo Santos.

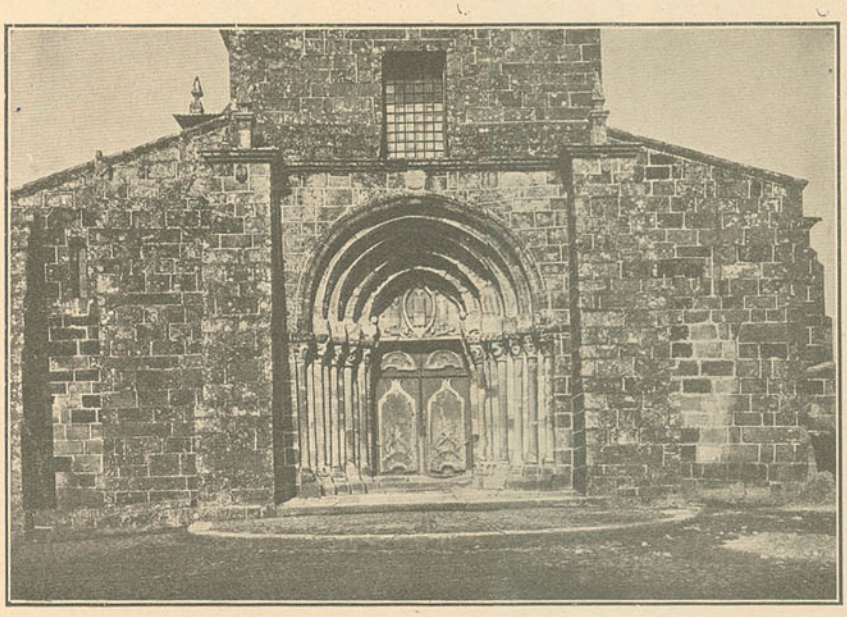
Zeloso foi o afan de estatuir normas e estipular regras ao novo estilo, mas não houve o lembramento de dar-lhe o baptismo. Andou, pois, sem nome pelos séculos fora, até que, em 1825, Gerville lho ministrou; todavia, tal baptismo também se atribui a Caumont. Certo é, porém, que lhe foi aplicado pelo princípio da analogia, pois em literatura se chamam línguas em romance às oriundas do latim.

Vivaz, intenso, foi na França o incremento do românico e isso lhe promoveu diferenças de região para região. E tais foram elas que se converteram em caracteres próprios, do que redundou a fundação de outras tantas escolas, quais as de Cluny ou borgonhesa, a d'Auvergne, a provençal, a normanda, a de Poitiers e a da Ile-de-France. Das duas primeiras é que se assinala na península hispânica a influência mais importante, facto, aliás, mui natural, pois só no norte portucalense, entre Douro e Minho, houve cento e onze conventos benedictinos, como refere o preclaro arqueólogo Manuel Monteiro. Além disso, os bispos bracarenses Maurício e S. Geraldo foram monges professos da abadia de S. Pedro de Moissac (Toulouse).

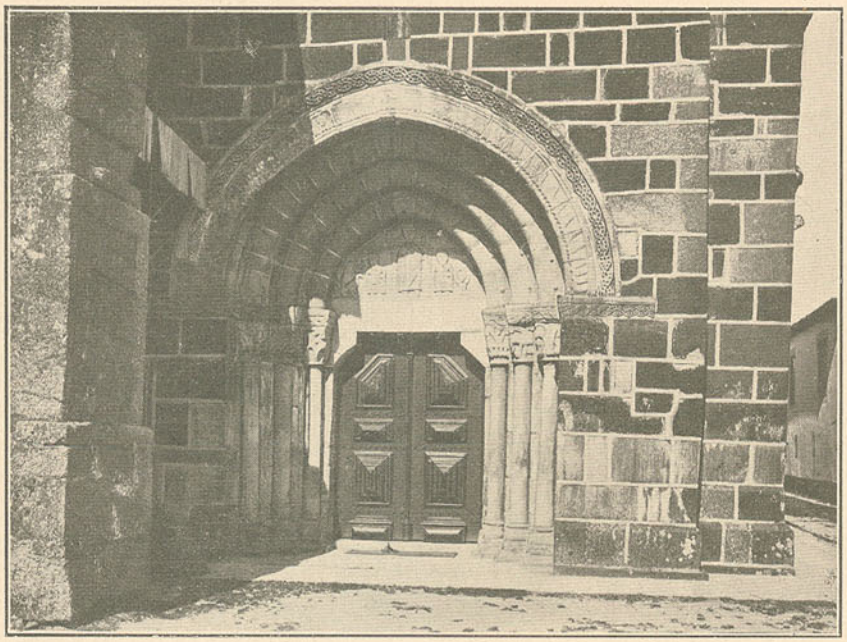
Eis pelo que no levantamento das nossas catedrais, relevante foi o quinhão de trabalho dos artistas francos, o que obstou a que elas adquirissem de modo claro o cunho nacional, contraído plenamente pelas demais igrejas e capelas, porquanto as edificaram os nossos artistas, como o comprovou Reinaldo Santos.

Segundo êste autor, podemos registar três tipos no nosso românico: o de Braga, o de Coimbra (auvergnês), que se difunde pelo sul, e o de Tarouca e Salzedas (cisterciense), os quais, através das suas feições apropriadas, oferecem um característico genérico, pois neles escasseia a decoração escultural, em que é rico o românico gaulês, e falta o deambulatório, o que se conjuga com o atarracado das proporções.

Profunda austereza, rígida e forte majestade, procedente da vasta e sólida massa de sua estrutura, apojadas pelo nímio e misterioso obscurecimento de seus interiores, porque os cheios se sobrepõem dos vazíos, constituem o carácter geral do estilo românico.



IGREJA DE S. PEDRO DE RATES (Póvoa de Varzim) — Fachada principal



IGREJA DE RIO MAU (Póvoa de Varzim) — Porta principal

Estes efeitos promanam de duas causas essenciais: a abóbada, cujo repouso se faz directa e inteiramente sôbre as colunas, e o arco romano de volta perfeita (plein cintre), que são os elementos basilares desta arquitectura, a pesar daquela ter aparecido mui tardiamente, já entrado o século X. Até então as coberturas das igrejas reduziam-se aos simples travejamentos, tal como se verifica nos exemplares modestos.

Ora as abóbadas, pelo seu enorme pêso e pela sua fortíssima pressão lateral, exigiam das paredes grande solidez, a maior robusteza, o que contrariava o corte de largas aberturas iluminantes, e por isso se reforçavam com gigantes ou contrafortes. Até ao princípio do século XII o uso delas limitou-se quási às naves laterais. Desde então, mercê da escola de Cluny, alargou-se pelas centrais.

A origem remota, inicial, das mesmas, consoante o ilustre arqueólogo castelhano Móran Bárdon (in *Prehistória de Salamanca*), está na cobertura dos dolmens. Haverá nisto, talvez, algo de teorismo.

A ornamentação do românico, regularmente abundosa, desenvolve-se nos seguintes elementos: capitéis, arquivoltas, tímpanos, cachorros, algeroses, arcos cruzeiros, impostas e bases das colunas. Múltiplices são os motivos que a urdem e muitos entram no domínio da extravagância; no entanto, podem reduzir-se a êstes tipos: temas clássicos deformados (folhagens, rosas, palmas), combinações geométricas (gôsto nórdico), sêres místicos, estilisações de animaes reaes e imaginários, iconografia bisantina (caracterizada pelo hieratismo e rudez das figuras), cujas fontes se encontram na Bíblia, nos fabulários clássicos, de Fedro e Esopo, nas primordiais e fantásticas narrações de viagens (geografia e etnografia), na arte sírio-chaldaica, na cabala sagrada, etc.

À arte chaldaico-assíria pertencem, por exemplo, os génios alados, os animais e aves de pescoços entrecruzados, figurações estas que chegaram do ocidente através das artes bisantina e árabe. Às narrativas de viagens e aos bestiários cabem as representações de animais quiméricos e teratológicos, vagas reminiscências da fauna dos tempos geológicos.

O simbolismo cristão primitivo, oferecido pela Bíblia, é bastante lato e eis dêle um breve resenha: o peixe significa Jesus (do acróstico Ichtys, composto com as iniciais das palavras gregas Jesus Cristo Filho de Deus Salvador), o cordeiro, a mansidão e a inocência; a fénix, a ressurreição e salvação eternas; a âncora, a alma em vôo para Deus; as mãos erguidas, a oração; o touro, a imolação; a cêsta com pães e o vaso com vinho, a refeição eucarística; o carneiro, a fôrça; o macaco, a astúcia; o pavão, a imortalidade; a oliveira, a paz; a palma, a felicidade celeste; a cruz de Santo André, a expiação; as serpentes enroscadas devorando-se pela cauda, a eternidade.

Todavia, *nem tôda a iconografia românica*, como declara Manuel Monteiro, *condensou intuitos simbólicos, pois, áparte as scenas agiográficas, lendárias e artísticas, limitou-se a copiar as criações imutáveis do simbolismo clássico tradicionalmente perpetuadas e, sobretudo, os desenhos bizarros e fantasias das miniaturas, tecidos e cofres de marfim vindos do Oriente.*

Verdadeiro é o caso, mas, decerto, tal se deve à perda do adequado sentido simbólico, o que originàriamente a caracterizou, pelo que muitos motivos ficaram reduzidos, na verdade, a mero sentido ornamental.

Parte da simbologia românica apresenta-se-nos, pois, obscura, senão inescrutável; isso, porém, não é causa de perder-se a enlevada veneração que nos impõem os velhos e sagrados templos medievais. Todavia, há quem lha regateie. Poucos são, em boa hora. De entre êles avulta o notável arqueólogo Gabriel Pereira, que desta arte lúgubre e injusta, com muito de incipiente, se lhes referiu (in *Arte Portuguesa*, 1895): *Os pórticos das nossas catedrais românicas são fauces sombrias, ornados de figuras geradas em aflitivos pesadêlos; nas gárgulas, nas mísulas, nos capitéis, há símbolos vagos, misteriosos; o artista quis torturar as almas, quando o olhar se ergue na emoção da prece encontra a pesada abóbada, implacável, ou o madeiramento de grossas vigas.*

Neste acre juíso corre o preconceito ignaro do tempo acêrca do medievalismo, considerado como de negrume espiritual, e ainda a indecisão dos estudos do românico, então, em Portugal, pouco mais de incipientes.

A planta românica é a da cruz latina (a das basílicas romanas era rectangular), quer com uma nave quer com três ou cinco naves, com ábsides ou ousias, ora redondas ora em rectângulos, por remate.

Também se empregou a planta circular, mas raramente. A dos templos menores, porém, reduz-se a um simples rectângulo, com o apêndice da capela-mor; manteem, pois, a forma basilical, devido às influências do visigótico, muito arraigado no povo.

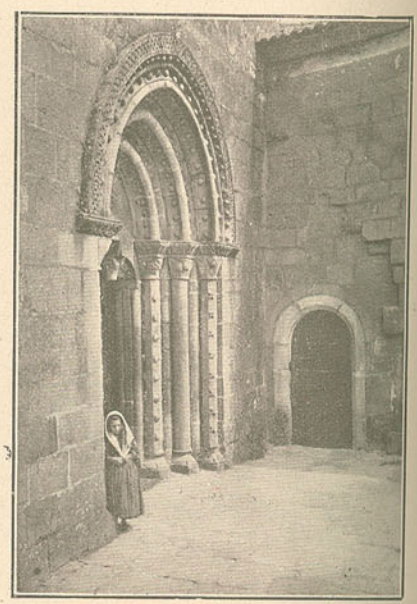
Também há simbolismo nas diversas partes da planta românica. A forma em cruz lembra a crucificação de Jesus. Das alas, a do norte figura o Antigo Testamento, a do sul, o Novo. Da sua direcção, o oriente significa a fonte da fé, o ocidente, o lugar destinado pela Igreja a ser o do juíso final, por ter sido aquele que Cristo divisou do alto da cruz. As colunas são os dogmas divinos; a ábside expressa a honra prestada à S. S. Trindade. Com a abóbada reproduz-se a vida celeste; a nave prefigura a terra e o côro, o céu.

Cumpre notar que as proporções das plantas das catedrais comprovam de sobejo a inclusão das abóbadas. É certo que estas aparecem, por vezes, nos templos menores, mas sómente nas capelas-mores.

Finalmente, deve registar-se a característica da assimetria na decoração. Quer nos capitéis, quer nas bases das colunas, quer nos tímpanos, etc., quando estão paralelos, nunca os motivos ornamentais são os mesmos.

CARLOS DE PASSOS.

Clichés do dr. Pedro Vitorino



IGREJA DE RORIZ (Santo Tirso) — Porta principal

O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle

(Continuação do n.º 42)

Poderia fazer melhor do que reproduzi-la? Convenho em que o jornal, por motivo da sua participação na emprêsa, mostrava uma certa exuberância, mas os outros grandes diários pouco mais sóbrios foram de pormenores. Eis o que escrevia Macdona:

O NOVO MUNDO
GRANDE REUNIÃO NO QUEEN'S-HALL
SCENAS TUMULTUOSAS
UM INCIDENTE EXTRAORDINÁRIO
O QUE SERIA?
MANIFESTAÇÃO NOCTURNA
EM REGENT-STREET

«A reünião, antecipadamente tão discutida, do Instituto Zoológico, tendo por fim ouvir o relatório da comissão de inquérito enviada no ano findo à América do Sul, para verificar as afirmações do professor Challenger relativamente à continuidade da vida pre-histórica naquele continente, realizou-se ontem na grande sala de Queen's-Hall e convém dizer que, provavelmente, a história da sciência terá de marcar esta noite com uma pedra branca, porque a reünião deu lugar a incidentes sensacionais, inolvidáveis para aqueles que a ela assistiram. (Uf! camarada Macdona, que exórdio!) Em princípio só deviam ser admitidos na sala os membros do Instituto e os seus amigos. Mas êste termo «amigos» é elástico e, muito antes da abertura da sessão, anunciada para as oito horas, a multidão apinhava-se no vasto salão. Entretanto, às oito horas menos um quarto, o grosso do público, temendo ver-se excluído da sessão, forçou as portas, depois duma longa refrega em que ficaram feridas várias pessoas, entre elas o inspector Scoble, da divisão H., que ficou com uma perna partida. Depois desta invasão que nada justificava e que não só encheu os corredores mas até nem respeitou os lugares da imprensa, podia avaliar-se em cêrca de dez mil o número de pessoas que esperavam os exploradores.

«Quando, por fim, apareceram, tomaram lugar num estrado, onde já se encontravam os mais ilustres sábios de Inglaterra, França e Alemanha, aos quais se juntára, representando a Suécia, o professor Sergius, o ilustre zoólogo da universidade de Upsal. Os quatro herois da noite, quando entraram, foram alvo de uma manifestação calorosa: tôda a assistência, de pé, os aclamou durante muitos minutos. Entretanto, um observador precavido poderia distinguir entre os «bravos», uns certos sinais de oposição, que faziam prever que a sessão seria agitada; mas ninguém na sala poderia supor a volta que as coisas iam levar.

«Torna-se inútil descrever o físico dos quatro viajantes: todos os jornais dos últimos dias teem publicado os seus retratos. As fadigas que, segundo parece, tiveram de suportar, não lhes fizeram mossa. A barba do professor Challenger pode ter exagerado o seu eriçamento, o rosto do professor Summerlee o seu ascetismo, o de lord John Roxton a sua magreza, todos os três terão talvez a tez mais queimada do que quando deixaram as nossas paragens, mas todos aparentam ter excelente saúde. Quanto ao nosso representante E. D. Malone, o atleta e o campeão do foot-ball rugby, universalmente conhecido, parece mais «treinado» do que nunca; e enquanto passeava o olhar por sôbre a turba, um sorriso de satisfação invadia a sua boa face burguesa. (Ah, Mac, se um dia o apanho a geito!...)

Duas horas depois estávamos com os volumes da nossa bagagem no sopé da muralha

Quando, restabelecida a calma e terminada a ovação, os assistentes retomaram os seus lugares, o presidente, o duque de Durhan, pronunciou algumas palavras. Não queria por mais dum minuto privar a assistência do prazer que lhe prometia esta sessão. Não podia prever o que em nome da comissão, ia dizer o professor Summerlee, mas já o rumor corrente afirmava o extraordinário sucesso da expedição. (Aplausos). Como se via, os tempos da aventura não tinham terminado; havia ainda um terreno sôbre o qual se podiam encontrar as mais extravagantes imaginações do romancista e as descobertas do investigador que procura a verdade scientífica. O orador regosijava-se e com êle tôda a assistência por ver êsses senhores sãos e salvos, tendo cumprido a sua difícil e perigosa missão, porque o malôgro da expedição teria, sem dúvida, sido uma perda irreparável para a sciência zoológica. (Aplausos, aos quais ostensivamente se associou o professor Challenger).

«O professor Summerlee levantou-se então, o que deu ensejo a outra explosão de entusiasmo, que por muitas vezes se renovou durante o seu discurso. Não damos na íntegra êste discurso nas nossas colunas porque, publicando nós em suplemento, assinado pelo nosso correspondente especial, o relato completo das aventuras da expedição, basta-nos dá-lo nas suas linhas gerais.

«Depois de ter recordado a génese da viagem e depois de ter pago ao profes-

sor Challenger um nobre tributo de elogios, acompanhados de desculpas pela incredulidade com que tinha acolhido as suas primeiras asserções, hoje perfeitamente verificadas, alongou-se na descrição da viagem, evitando todo o indício que permitisse reencontrar o planalto. Descreveu a traço largo o percurso efectuado desde o Amazonas até à base das penedias; cativou o auditório, contando-lhe as esperanças frustradas da expedição, as suas vãs tentativas e, finalmente, o êxito coroando os seus esforços tenazes, mas custando a vida a dois devotados servidores. (Com esta surpreendente versão da morte dos dois mestiços, Summerlee queria evitar tudo o que, na presente conjuntura, pudesse tornar-se matéria de discussão).

«Em seguida, tendo elevado o seu auditório até ao planalto e encerrando-o ali pela queda acidental da ponte sôbre o abismo, o professor começou a descrever os horrores e, ao mesmo tempo, os atractivos dessa terra. Deixou de parte as aventuras pessoais para pôr em relêvo a rica colheita scientífica que as observações feitas sôbre os grandes animais, as aves, os insectos e as plantas constituiam. Por exemplo, pelo que dizia respeito aos coleopteros e aos lepidopteros tinha colhido, quanto aos primeiros, em algumas semanas, quarenta e seis specimens de novas espécies e, quanto aos segundos, noventa e quatro.

«Tratando-se de grandes animais que se supunha desde há muito desaparecidos, e que, naturalmente, dentre todos os outros eram os que mais deviam interessar o público, podia o orador fornecer logo ali uma boa lista dêles, lista que, verosimilmente, se ampliaria muito, depois de mais amplas pesquizas. Êle e os seus companheiros tinham visto, a maior parte das vezes a distância, uma dúzia de animais que não tinham nenhuma relação com aqueles que a sciência actualmente conhece. Em tempo oportuno, seriam devidamente examinados e classificados. O orador citou, entre outros, uma serpente côr de púrpura, cuja pele media 20 pés de comprido; um outro ser esbranquiçado, provavelmente mamífero, que produzia uma claridade fosforescente na obscuridade e ainda uma grande falêna negra, cuja picada é considerada pelos índios como das mais venenosas. Além destas formas de vida inteiramente novas, o planalto continha um grande número de formas pre-históricas conhecidas, algumas das quais remontavam aos primeiros tempos jurássicos. Entre elas, o orador mencionou o gigantesco e grotesco stegosauro, que o senhor Malone vira uma vez a beber no lago e cuja imagem figurava já no álbum do aventureiro americano, que tinha descoberto êsse mundo ignorado. Descreveu ainda o iguanodon e o pterodactilo, que causaram aos exploradores as suas duas primeiras surprêsas.

«Fez vibrar a assembleia falando-lhe dos terríveis dinosaurios carnívoros, que perseguiram várias vezes os membros da expedição e que eram os mais formidáveis animais que encontraram. Passou depois a ocupar-se duma grande ave feroz que se chama *phororacus* e do grande alce, que erra ainda naquela região. Mas quando êle abordou os mistérios do lago central, a curiosidade e o entusiasmo subiram ao auge. Tinha a gente que beliscar-se para se certificar que, de facto, estava ouvindo êsse professor, espírito positivo e são, descrever, friamente, com método, os monstruosos peixes-lagartos munidos de três olhos e as enormes serpentes aquáticas, que habitavam êsse lago encantado. Forneceu algumas indicações àcêrca da população do planalto, sôbre os índios e sôbre a extraordinária colónia de macacos antropoides, que podem considerar-se como mais avançados que o pithécanthropo de Java e, portanto, como mais próximos, do que qualquer outra forma conhecida, dêsse ser hipotético: o *missinglink*. Divertiu o auditório quando se referiu ao engenhoso mas perigoso invento do professor Challenger e terminou a sua notável exposição, contando a maneira por que os exploradores tinham regressado à civilização. Podia supor-se que a sessão acabaria por ali, depois do voto de agradecimento e felicitações proposto pelo professor Sergius, da Universidade de Upsal, mas em breve se viu que os acontecimentos tomavam um caminho mais escabroso. De quando em quando produziam-se sinais de hostilidade. Mal o orador acabára de se sentar, logo o dr. Illingworth, de Edimburgo, se levantou no meio da assistência e preguntou se não era costume que a discussão das emendas precedesse o voto de uma moção.

A barba do professor Challenger pode ter exagerado o seu eriçamento, o rosto do professor Summerlee o seu ascetismo, o de lord John Roxton a sua magreza...

«*O presidente:* — Sim, senhor, quando haja cabimento para emendas.

«*O dr. Illingworth:* — Há, para uma, se Vossa Graça a permite.

«*O presidente:* — Queira apresentá-la imediatamente.

«*O professor Summerlee* (levantando-se): — Posso explicar a Vossa Graça que êste homem é meu inimigo pessoal desde a nossa polémica, no *Jornal trimestral da Sciência*, àcêrca da verdadeira natureza dos «bathybius»?

«*O presidente:* — Não posso entrar em questões pessoais. Tem a palavra o dr. Illingworth.

«Mas as declarações do dr. Illingworth perderam-se para a maioria do público, no meio dos protestos. Quiseram mesmo obrigá-lo a sentar-se. A sua estatura e a sua voz, porém, permitiram-lhe dominar o tumulto; de resto, êle contava alguns amigos na sala. Logo que êle se levantou, uma pequena minoria tinha claramente tomado o seu partido. A grande massa do público guardava uma neutralidade atenta.

«O dr. Illingworth começou por dizer quanto apreciava a obra scientífica realizada pelos professores Challenger e Summerlee. Lastimava que alguém pudesse ver na sua intervenção quaisquer questões pessoais. Êle não obedecia senão a um grande desejo de verdade. Mantinha, em resumo, nesta sessão, a mesma atitude que o professor Summerlee assumira na sessão precedente. Tendo, nessa sessão, o professor Challenger emitido certas asserções, o professor Summerlee pusera-as em dúvida: hoje, que êle, orador, imputava essas asserções, não se lhe permitia que as contestasse. Isto era razoável? («Sim!» «Não!») Interrupção prolongada. Na bancada da imprensa ouve-se o professor Challenger pedir autorização ao presidente para pôr na rua o dr. Illingworth). Um ano antes um homem dizia umas certas coisas; hoje quatro homens dizem outras coisas mais surpreendentes: constituia isto prova bastante, quando se tratava de factos incríveis, de factos revolucionários? Ultimamente tinham-se aceitado, muito levianamente, os relatos feitos por viajantes vindos de países desconhecidos. Queria o Instituto Zoológico de Londres envolver-se num caso dêsses? O orador reconhecia nos membros da missão homens de carácter, mas a natureza humana é tão complexa... A ânsia da notariedade pode desviar do bom caminho mesmo os professores.

«Todos nós, como as borboletas, procuramos adejar em tôrno da luz. Os caçadores de caça grossa gostam de bater a basófia dos seus rivais. Os jornalistas não desgostam dos golpes sensacionais, mesmo quando tenham de auxiliar-se com a imaginação. Cada um dos membros da missão tinha os seus motivos particulares para exagerar os resultados obtidos. (Ordem! Ordem!). O orador não queria ferir ninguém. («O senhor não tem feito outra coisa». Interrupção). «Sôbre que é — continuou êle — que se apoiam tôdas as suas histórias maravilhosas? Sôbre pouca coisa: apenas algumas fotografias. Mas será isto um testemunho numa época em que a manipulação fotográfica é tão fácil? Ainda para mais contam-nos a história duma fuga, duma descida por cordas, que exclue a apresentação dos grandes especimens: ora, isto é muito hábil, mas pouco convincente. Parece-me ter ouvido dizer que lord John Roxton pretendia ter um crâneo de *phororacus:* bem podia contentar-se em dizer que queria ter.

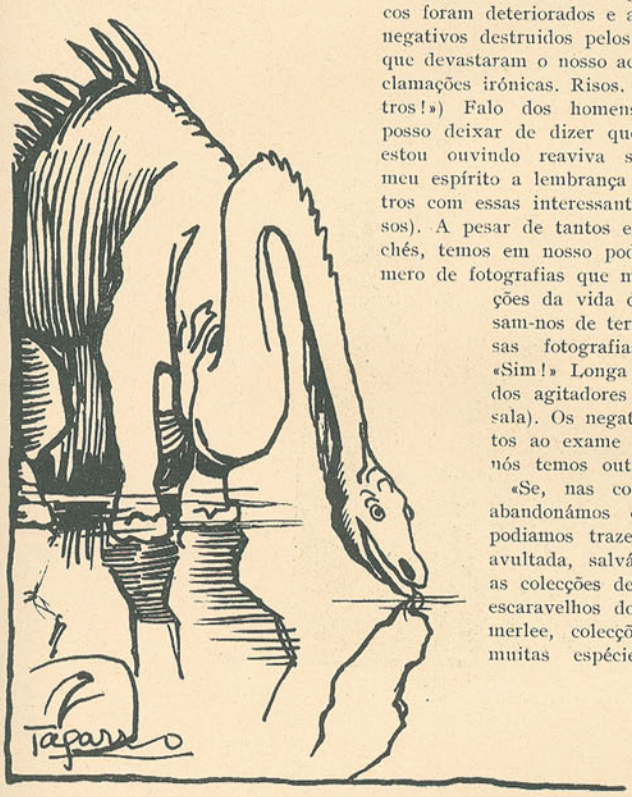
«*Lord John Roxton:* — Êsse indivíduo chama-me mentiroso? (Tumulto).

«*O Presidente:*—Silêncio! Dr. Illingworth, queira concluir e apresentar a sua emenda.

«*O dr. Illingworth:* — Saiba Vossa Graça que muito tinha para dizer, mas obedeço. Proponho, pois, que se exprimam os nossos agradecimentos ao professor Summerlee, pela sua interessante comunicação, mas que

devendo ser os factos em questão considerados como «não provados», sejam êsses factos submetidos ao exame duma comissão de inquérito mais ampla e, se fôr possível, mais digna de confiança.»

Esta emenda provocou na sala uma confusão indescritível. A maior parte da assemblea, indignada com tal ofensa dirigida aos viajantes, pedia que + emenda fôsse retirada sem ser submetida à votação. Ouvia-se gritar: «Rua!» Por seu lado, os descontentes, que não deixavam de ser numerosos, clamavam: «Ordem!», apelavam para o presidente, reclamavam votação. No fundo da sala rebentou uma disputa entre os estudantes de medicina e só a presença moderadora de grande número de senhoras evitou que a sarrafusca se tornasse geral. De súbito tudo acalmou, seguindo-se um grande silêncio. O professor Challenger estava de pé. A sua atitude, o aspecto do seu rosto, impunham atenção. Levantou a mão e a assemblea quedou-se a ouvi-lo.



Entre elas, o orador mencionou o gigantesco e grotesco stegosauro, que o senhor Malone viu uma vez a beber no lago...

«— Muita gente há-de lembrar-se — disse êle — que scenas iguais a estas, tão tôlas e tão inconvenientes como estas, assinalaram a última reunião em que usei da palavra. Então era o professor Summerlee quem dirigia o ataque e os remorsos que neste momento experimenta não são suficientes para extinguir por completo a lembrança dessa sessão.

«Ouvi esta noite exprimir, pela bôca da pessoa que acaba de sentar-se, sentimentos análogos, ou mais injuriosos ainda, e se bem que me custe o ter de esquecer-me de mim próprio para descer até ao nível da referida pessoa, esforçar-me-hei por fazê-lo, a fim de dissipar tôdas as dúvidas honestas que possam subsistir nos espíritos. (Risos e interrupções). Não tenho necessidade de recordar que, se na sua qualidade de chefe da comissão de inquérito, o professor Summerlee usou primeiro da palavra, fui eu, todavia, quem resolveu o assunto, é a mim, sobretudo, que se devem os resultados da expedição. Conduzi, com felicidade, êstes três senhores ao lugar indicado e demonstrei-lhes a veracidade das minhas alegações. Não esperávamos, no nosso regresso, encontrar alguém bastante obtuso que discutisse as nossas conclusões. Advertido pela experiência precedente, tive o cuidado de trazer comigo provas capazes de convencerem um homem razoável. Como o professor Summerlee explicou, os nossos aparelhos fotográficos foram deteriorados e a maior parte dos negativos destruidos pelos homens-macacos, que devastaram o nosso acampamento. (Exclamações irónicas. Risos. «Vai intrujar outros!») Falo dos homens-macacos e não posso deixar de dizer que êste ruido que estou ouvindo reaviva singularmente no meu espírito a lembrança dos meus encontros com essas interessantes criaturas. (Risos). A pesar de tantos e tão valiosos clichés, temos em nosso poder um certo número de fotografias que mostram as condições da vida do planalto. Acusam-nos de termos fabricado essas fotografias? (Uma voz: «Sim!» Longa agitação. Muitos dos agitadores são expulsos da sala). Os negativos foram sujeitos ao exame dos peritos. Mas nós temos outros testemunhos.

«Se, nas condições em que abandonámos o planalto, não podiamos trazer uma bagagem avultada, salvámos, ao menos, as colecções de borboletas e de escaravelhos do professor Summerlee, colecções que conteem muitas espécies novas. Isto constitui ou não uma prova? (Vozes numerosas: «Não!») Quem é que disse «não»?

«*O dr. Illingwort* (levantando-se): — A existência dessas colecções não implica necessáriamente a de um planalto pre-histórico. (Aplausos).

«*O professor Challenger:* — É evidente, meu caro senhor, que, a pesar da obscuridade do seu nome, temos de inclinar-nos perante a sua alta competência. Mas deixo as fotografias e a colecção entomológica para me ocupar de outros esclarecimentos muito diferentes e muito precisos, que possuimos para elucidar certos pontos que ainda o não foram. Por exemplo, no que diz respeito aos costumes dos pterodactilos. (Uma voz: «Lérias!». Tumulto). Digo que no que respeita aos costumes dos pterodactilos, podemos sôbre êles fazer completa luz.

«Tenho na minha carteira um retrato do animal, tomado do natural e capaz de convencer...

«*O dr. Illingworth:* — Nenhum retrato me poderá convencer seja do que fôr ...

«*O professor Challenger:* — O senhor queria ver o próprio animal?

«*O dr. Illingworth:* — Sem dúvida nenhuma.

«*O professor Challenger:* — Quere vê-lo?

«*O dr. Illingworth:* — Mas como?...

«Deu-se, então, uma scena teatral e dramática, sem precedentes na história das reuniões scientíficas. A uma sinal do professor Challenger, o nosso camarada senhor E. D. Malone levantou-se e foi até ao fundo do palco. Um momento depois reaparecia, acompanhado por um negro gigantesco, que o ajudava a transportar uma grande caixa quadrada. Lentamente, veio pôr a tal caixa, que parecia pesada, em frente do professor. Reinou profundo silêncio. O público, todo atento ao que se estava passando, emudecia. O professor Challenger abriu a tampa da caixa e debruçando-se, espreitou para dentro; nas bancadas da imprensa ouviu-se a sua voz, num tom acariciador, murmurar: «Pequenino! vem cá!» E logo, com um ruido de unhas raspando e de asas batendo, um sêr horrível e repugnante saíu e se empoleirou num dos rebordos da caixa. Nem um acidente que sobreveiu, a queda do duque de Durham do estrado abaixo, conseguiu distraír a atenção petrificada do público.

«Ao ver-se o animal, dir-se-ia estar uma pessoa em frente da mais extravagante goteira de catedral, concebida pela desenfreada imaginação da Idade Média. Tinha uma cabeça cruel e horrível, onde dois olhinhos luziam como brasas vivas; o longo bico feroz, semi-aberto, apresentava uma dupla fieira de dentes; uma espécie de chale pardo arredondava-se-lhe sôbre o dorso amarrecado. Era o diabo em pessoa, como nós o imaginamos na nossa infância.

«A desordem agitou a sala. Gritava-se por tôda a parte. Nas primeiras filas de cadeiras, duas senhoras desmaiaram. Os professores que ocupavam o palco pareciam querer, como o presidente, precipitar-se dêle abaixo. Durante um momento, o pânico esteve iminente. O professor levantou o braço, procurando restabelecer a calma, mas o seu gesto assustou o animal, que desenrola ràpidamente o seu chale, cujos panos se tornam em duas asas de coiro que começam a bater. O professor quere retê-lo pelas pernas, mas já é tarde. Soltando-se do poleiro, vôa, descrevendo círculos, na imensidade de Queen's-Hall; as suas asas, de dez pés de comprimento, batem pancadas sêcas, deixando um rastro fétido e penetrante à sua passagem. Os gritos das galerias, assustadas pela proximidade daqueles olhos brilhantes e daquele bico mortífero, desvairam-no. O animal reviravolteia cada vez mais, chocando contra as paredes e contra os lustres. «A janela! Em nome do céu, fechem a janela!», — grita o professor que se agita no palco, torcendo os braços, angustiadamente. Mas é também já tarde! O animal, cingindo-se às paredes, como uma monstruosa borboleta ao globo duma lâmpada, encontrou a janela, precipitou-se para fora, desapareceu. E o professor Challenger, recaindo na sua cadeira, esconde o rosto nas mãos, enquanto o público solta um longo, um profundo suspiro de alívio!

«Então... Mas quem poderá dizer o que sucedeu então, quando — a maioria sem se poder conter por mais tempo e a minoria, inteiramente convencida, juntando-se a ela — se formou uma onda de entusiasmo que veio rolando do fundo da sala, foi engros-

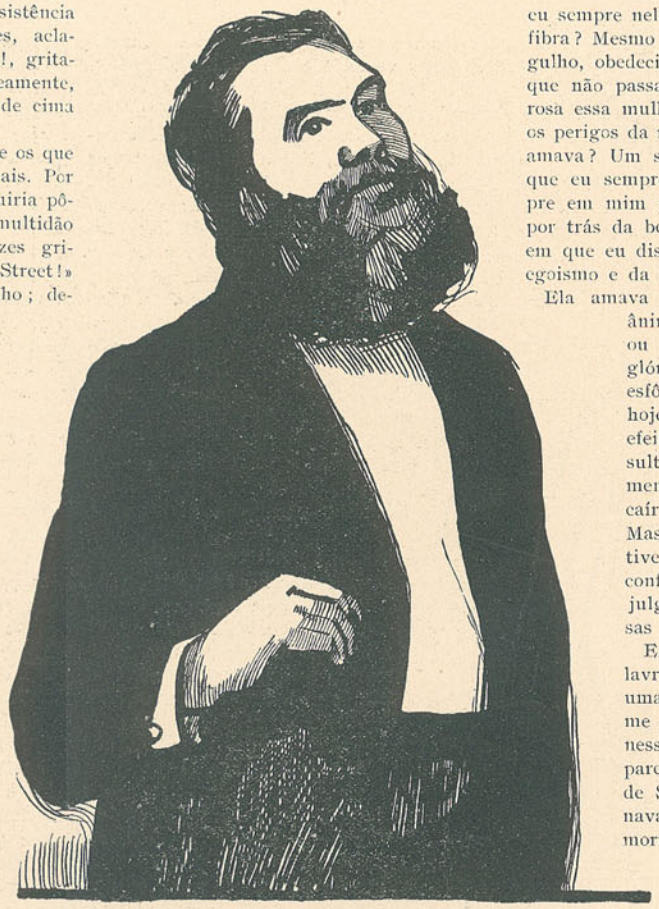
sando, galgou o lugar da orquestra, alastrou pelo palco e arrebatou os quatro herois sôbre a sua crista? (Muito bem, Mac!) Se se lhes não tinha feito completa justiça, ao menos fazia-se pública confissão do crime de os não acreditar. Tôda a gente estava de pé, se agitava, gritava e gesticulava. A assistência apertava-se em volta dos viajantes, aclamava-os. «Em triunfo! Em triunfo!, gritavam centenares de vozes. Instantâneamente, os quatro viajantes apareceram ao de cima do mar de cabeças.

«Em vão êles se debateram, porque os que os empolgavam não os largaram mais. Por mais que se quisesse, não se conseguiria pô-los no chão, de tal forma a multidão se esmagava em tôrno dêles. Vozes gritavam: «Regent-Street! Regent-Street!» Fez-se na turba um grande remoinho; depois, pouco a pouco, começou a desenhar-se uma corrente e sôbre os ombros que os apoiavam os quatro viajantes alcançaram a porta. Fora, a vista do conjunto era extraordinária. Cem mil pessoas esperavam o fim da sessão. Esta multidão alastrava desde Langham Hotel até Oxford Circus. Uma rajada de aclamações saudou os triunfadores quando, dominando os manifestantes, êles apareceram na viva claridade dos arcos voltaicos. Ouviu-se o grito: «Um cortejo! Um cortejo!» e logo uma falange compacta, que tomava as ruas de lado a lado, avançou por Regent-Street, Pall Mall, Saint-James's-Street e Piccadilly, interrompendo a circulação em todo o centro de Londres, do que resultou um certo número de colisões entre os manifestantes, a polícia e os condutoes de «taxi-cabs.» Já passava da meia noite quando os viajantes recuperaram a liberdade diante da residência de lord John Roxton, em Albany. A multidão, depois de ter entoado em côro uma canção alusiva à intrepidês dos herois, finalizou o seu programa com o *Good save the King*. Assim terminou uma das manifestações mais extraordinárias a que Londres tem assistido, desde há muito».

Muito bem, amigo Macdona. A notícia é floreada, mas está fiel.

Quanto ao incidente que tão fortemente emocionou o público, terei necessidade de dizer que surpreendeu tôda a gente, menos a nós?

Basta recordar o meu encontro com lord John naquele dia em que, sob o seu improvisado abrigo, êle procurava para Challenger uma coisa a que êle chamava um «pintainho do diabo». Além disso, dei também a entender os incómodos que nos tinha ocasionado a bagagem do professor, quando nos evadimos do planalto. Enfim, se eu tivesse descrito o nosso regresso, teria muito que dizer acêrca dos cuidados que tivemos de ter para alimentar com carne putrefacta o nosso imundo companheiro, mas respeitei o desejo do professor de guardar para o derradeiro minuto o argumento, sem réplica possível, que devia confundir os seus adversários. O que foi feito do pterodactilo trazido para Londres? Nada se sabe ao certo a êste respeito. Duas mulheres, ainda espantadas, contaram que o tinham visto empoleirado no telhado de Queen's-Hall e que ali se conservára durante muitas horas, como uma estátua diabólica. No dia seguinte, os jornais da noite noticiaram que o soldado Private Mills, do Coldstreams Guards, tinha comparecido perante um conselho de guerra por ter, quando se encontrava de sentinela em frente de Mariborough-House, desertado do seu posto: o conselho não tinha aceitado como procedente a defeza de Private Mills, que declarára que se deitára fora a espingarda e largára a correr, fôra por ter visto, entre êle e a lua, o próprio diabo.



O professor Challenger estava de pé. A sua atitude, o aspecto do seu rosto, impunham atenção

Talvez o facto alegado tenha qualquer relação com aquele que nos preocupa. O restante testemunho que posso produzir é o que consta do diário de bordo do paquete *Friesland*, da Companhia Holando-Americana, onde se diz que uma manhã (que se verifica ser a do dia seguinte ao da sessão) às nove horas, tendo o navio *Stand Point* a dez milhas por estibordo, passou sôbre êle qualquer coisa que participava dos aspectos duma cabra voadora e dum morcego monstruoso, fugindo na direcção de sueste com uma velocidade prodigiosa. Se o instinto de regresso o levava na boa direcção, não há dúvida de que o último pterodactilo europeu encontrou o seu fim na extensão deserta do Atlântico.

E Gladys, a minha Gladys, a Gladys do lago místico, a que forçoso é que eu torne a chamar «Central», porque jámais ela receberá de mim a imortalidade!... Não tinha eu sempre nela sentido uma certa dureza de fibra? Mesmo no momento em que, com orgulho, obedecia à sua ordem, não sentia eu que não passava duma insignificante amorosa essa mulher, que para a morte e para os perigos da morte empurrava aquele que a amava? Um sentimento de sinceridade, de que eu sempre me defedera mas que sempre em mim prevalecia, não me mostrava, por trás da beleza do seu rosto, uma alma em que eu distinguia as sombras iguais do egoismo e da inconstância?

Ela amava o heroismo, a grandeza de ânimo, pela sua própria nobreza ou porque contava colher-lhes a glória, sem que isso lhe custasse esfôrço ou sacrifício? Mas só hoje dou por isso, talvez por efeito dessa vã prudência que resulta da experiência. Por momentos cheguei a julgar que ia caír no pior dos scepticismos. Mas já uma semana decorreu; tivemos com lord Roxton uma conferência bem importante e — julgo — palavra! — que as coisas podiam ter corrido pior.

Explicar-me-hei em poucas palavras. Em Southampton nem uma carta, nem um telegrama me acolheram e por isso, quando nessa noite, cêrca das dez horas, parei diante da pequena «villa» de Streatham, a inquietação tornava-me febril. Gladys teria morrido ou vivia? Em que viriam a dar os sonhos das minhas noites: os seus braços abertos, o seu sorriso, as palavras que ela saberia encontrar para dizer ao homem que tinha arriscado a vida por um capricho seu? E já eu deixava as alturas e tocava o chão. Contudo, algumas boas palavras pronunciadas por ela bastariam para de novo me elevar ao céu. Atravessei, correndo, o jardim, bati à porta, ouvi no interior a voz de Gladys e, passando por diante da criada boquiaberta de espanto, precipitei-me na sala. Gladys estava ali, num canapé baixo, junto do piano iluminado pela lâmpada clássica. Em três passadas galguei a distância que me separava dela e tomei-lhe as mãos entre as minhas.

— Gladys! — exclamei — Gladys!

Ela ergueu os olhos e sôbre o seu rosto pintou-se o mais vivo espanto. Tinha-se nela operado uma subtil transformação. Eu não conhecia aquele olhar erguido, fixo, duro, nem aquela inflexão de lábios. Gladys retirou as mãos.

— O que significa isto? — disse ela.

— Gladys — volvi eu — o que tem? Então não é ainda a minha Gladys, a minha querida Gladys Henderson?

— Não — respondeu ela — eu sou Gladys Potts. Deixe-me apresentá-lo a meu marido.

(Continua)

Vêr, nos números 29, 30 e 31 as condições e prémios do concurso do romance O MUNDO PERDIDO

DEVERES SOCIAIS

(Desenho de EMMERICO NUNES)

O JANTAR DE CERIMÓNIA OU O PROBLEMA DO MACARRÃO À ITALIANA NO TEMPO E NO ESPAÇO... ACANHADO

ÁFRICA PORTUGUESA

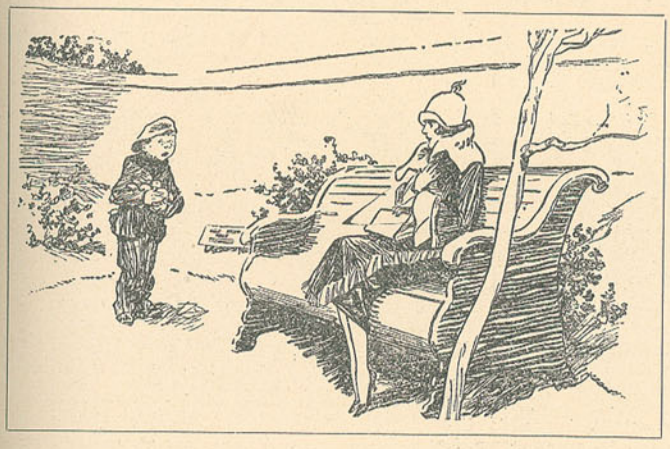
A PAISAGEM
OS COSTUMES
OS INDIGENAS

EM CIMA— A colheita da cana de açúcar em Xai-Xai

AO CENTRO— *A' esquerda:* uma oficina de marcenaria, no interior do distr to de Lourenço Marques. — *A' direita:* «Miss Moçambiqu », beleza negra de Gaza

EM BAIXO— A influência dos habitos europeus ou uma animada partida de «bisca» indígena

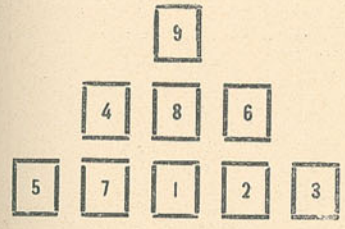
Passatempo



— A senhora gosta de maçãs?
— Não gosto, não.
— Então segura aqui nestas, enquanto eu vou apanhar mais?

UM TRIÂNGULO CURIOSO

(Solução)



Colocadas as cartas nesta disposição, o novo triângulo preenche, como fàcilmente se pode verificar, as condições exigidas.

* *

A tia: — Brincas alguma vez com rapazes maus, Guilherme?

Guilherme: — Brinco, sim, tia.

— Muito me admira isso. Então porque não brincas com rapazinhos bons?

— Porque as mães dêles me não deixam.

OPOSIÇÃO NECESSÁRIA

Pretendente: — Espero que V. Ex.ª me fará a fineza de se opôr ao meu casamento com sua filha?

O pai dela: — Essa é boa! Porquê?

O pretendente: — Porque, se V. Exª o fizer, julgo que ela então me aceitará.

* *

— Gosta dos seus novos vizinhos?

— Muito; mas são muito antiquados. Ela não deixa o marido fumar dentro de casa, e êle não a deixa a ela fumar fora de casa.

* *

Êle: — O velho Brito que morreu há pouco, deixou uma fortuna de mais de mil contos. Não gostavas de ser sua viúva?

Ela: — Ó meu amor! Como se eu gostasse de ser viúva de alguém, a não ser tua!

* *

— O senhor é acusado de ter partido uma cadeira na cabeça do queixoso.

— Sim, senhor. Mas note-se que não peguei na cadeira com tenção de a partir. A minha intenção era só partir-lhe a cabeça.

* *

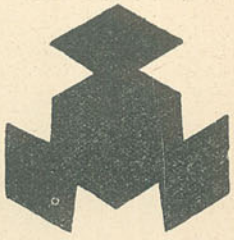
1.º atrevido: — O condutor deitou-me um olhar furibundo, como se eu não tivesse pago o meu bilhete.

2.º atrevido: — E tu que fizeste?

1.º atrevido: — Deitei-lhe outro... como se o tivesse realmente pago.

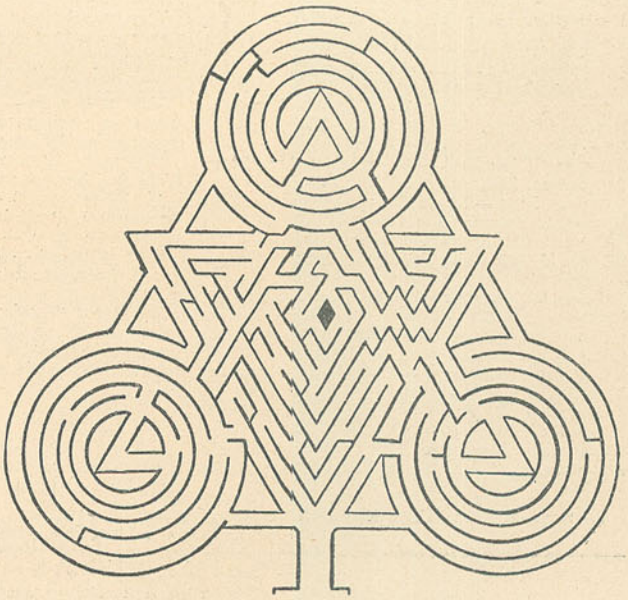
* *

PASSATEMPO

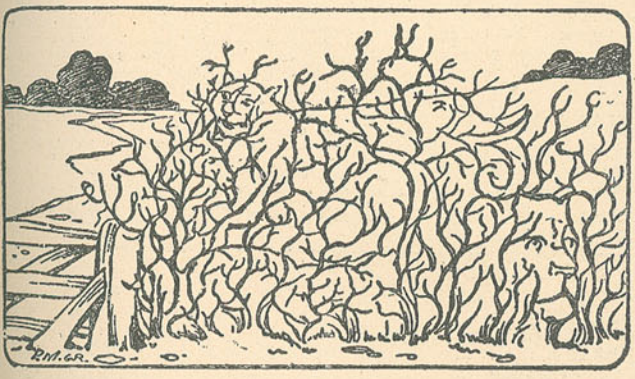


Recortar esta figura num papel, e dividi-la em três partes, para que colocadas de outra maneira umas em relação às outras, se possa formar com elas uma estrêla de seis pontas.

LABIRINTO



Trata-se de entrar pela única porta que o labirinto tem para o exterior, e depois ir ao centro de cada círculo, acabando por ir ao centro do labirinto, marcado por um losango preto, sem cruzar nenhuma linha, nem passar duas vezes pelo mesmo caminho.



Digam lá quantos animais se encontram aqui e quais os seus nomes.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM AGOSTO DE 1927

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS

RAINER MARIA RILKE

De origem tcheco, pois nasceu em Praga, Rainer Maria Rilke é considerado um dos grandes líricos da Alemanha de hoje, pois em língua alemã é que escreveu a maior parte dos seus poemas. Há, porém, além dos traduzidos, livros escritos por êle próprio em francês, língua cuja posse lhe adviera das longas estadas em França, onde privou com Rodin, Valéry e outras personalidades gradas nas artes e nas letras. Pelas suas repetidas viagens e pela vastidão da sua cultura, era verdadeiramente um europeu. Em fins de 1926, num sanatório suiço, morreu com 51 anos, deixando, entre muitas mais obras, Os Cadernos de Malte Laurids Brigge *e* O Livro de Imagens, *para cilar só duas das mais representativas do seu talento singularmente delicado. Nas suas curiosidades pelas lileraturas estranhas, que o levaram a traduzir para alemão e a comentar M. Proust, A. Gide, Paul Valéry e outros autores, também tocou as nossas letras: deu a lume* Portugiesische Briefe (Die Briefe der Marianne Alcoforado). *Êste facto legitima a inclusão de Rainer Maria Rilke nesta galeria de lusófilos.*

• •

LITERATURA

AGUILAR (EDUARDO DE) — *O Ilustre Bernardo.* Romance-*charge*. Des. de Rocha Vieira. 185 p. 8.º — 7$00.

AMARAL (VIRGÍLIO) — *Do meu cantar.* Livro de quadras. Des. do A. 127 p. 4.º — 5$00.

CAMPOS LIMA — *Gente Devota.* Romance (Via Dolorosa). Volumes I e II. 8.º — 20$00.

CAPITÃO (O) ÂNGELO. Romance original (Biblioteca de «O Grito do Povo», XXIII). 72 p. — 2$500.

CARMALIO (ARISTIDES) — *Levou-as o vento.* Versos. 132 p. 8.º — 6$00.

CARVALHAL (ANTÓNIO) — *Esfinge.* Versos. 104 p. 8.º — 5$00.

CARVALHAL (ANTÓNIO) — *Estrada de Damasco.* Versos. 135 p. 8.º — 7$50.

CARVALHO BARBOSA — *À sombra da tôrre.* 118 p. 8.º c. capa il. — 5$00.

CARVALHO HENRIQUES (F. DE) — *A quarta dimensão ou A tragédia fisiológica.* 133 p. 8.º — 7$50.

CASTRO OSÓRIO (ANA DE) — *Mundo Novo.* Romance. 352 p. 8.º — 12$50.

CÉRTIMA (ANTÓNIO DE) — *Alma Encantadora do Chiado.* Da arte, da vida, do amor. 270 p. 8.º — 8$00.

Dicionário cryptográfico para a correspondência oficial e particular. 10.ª ed. 238 p. 8.º — 20$00.

ERMITE (PIERRE L') — *Uma vítima da seita negra.* Romance. Versão livre do Padre Anselmo 294 p. 8.º c. grav. e capa il. por Rocha Vieira. — 5$00.

ESTANCO LOURO (M. F. DO) — *Caderno de gramática portuguesa* para as três primeiras classes dos liceus. 24 p. — 3$50.

ESTANCO LOURO (M. F. DO) — *Os Lusíadas e o povo português.* I — No vocabulário. 44 p. 8.º 7$50.

FERNANDEZ FLORES (W.) — *Minha mulher.* Novela. Trad. de R. Garcia Perez. Capa de Jorge Barradas. 99 p. — 3$00.

FERREIRA DE CASTRO — *O vôo nas trevas.* Novelas. 347 p. 8.º c. capa il. por B. Marques. — 10$00.

FRANCÉS (JOSÉ) — *A mulher de ninguém.* Romance da actualidade. Trad. de Ribeiro Lousada. (Colecção de Hoje). 260 p. 8.º c. capa il. — 10$00.

HAECKEL (ERNESTO) — *Os Enigmas do Universo.* Trad. de Jaime Filinto. 3.ª ed. 471 p. 8.º — 7$00.

MOTTA (LUIGI) — *A Baiadeira de Nagpur.* Romance de aventuras. Versão directa do italiano por Henrique Marques. 143 p. 8.º c. capa il. por Carlos Ribeiro — 4$00.

MOTTA (LUIGI) — *Mistérios do Oceano.* Romance de aventuras. Trad. directa do italiano por Ana de Castro Osório e Miguel Osório de Castro. 159 p. 8.º c. capa il. — 4$00.

MOTTA (LUIGI) — *O triunfo de um império.* Romance de aventuras. Versão directa do italiano por Henrique Marques. 137 p. 8.º c. capa il. por Carlos Ribeiro — 4$00.

MOTTA (LUIGI) — *O túnel submarino.* Romance de aventuras. Trad. directa do italiano por Ana de Castro Osório e Miguel Osório de Castro. 137 p. 8.º c. capa il. — 4$00.

NORONHA (EDUARDO) — *Reminiscência do tabladó.* Peças, autores, tradutores, críticos, artistas e empresários. Memórias. 239 p. 8.º c. grav. e capa il. por Alonso. — 10$00.

TERRAIL (PONSON DU) — *Os dois rivais.* Romance de capa e espada. 205 p. 8.º c. capa il. — 5$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

MENDES CORRÊA — *Homo* (Os modernos estudos sôbre a origem do Homem). 2.ª ed. inteiramente refundida. 299 p. 8.º — 15$00.

MONTEIRO (HERNANI) — *O professor J. A. Pires de Lima.* 46 pag.

SÁ (ADRIANO DE) — *Pela Índia.* (Aspectos e Impressões). Prefácio do prof. Manuel Ramos. 343 p. 8.º c. grav. — 15$00.

SENA (CAMILO) — *Marinha de guerra portuguesa.* Apontamentos para a sua história. 72 p. c. est.

TAMAGNINI (EUSÉBIO) — Contribuições para o estudo da antropologia portuguesa. V — Os antigos habitantes das Canárias nas suas relações com a antropologia portuguesa. Vol. II Fasc. 2.º 74 — 85 p.

SCIÊNCIAS E BELAS ARTES

CARTON (PAUL) — Vinte e um preceitos de boa conduta para uso das crianças. Trad. de Fernando Sá. 2.ª ed. 15 p. — $40.

COIMBRA (LEONARDO) — *Notas sôbre a abstracção scientífica e o silogismo.* 97 p. 8.º — 5$00.

COIMBRA (LEONARDO) — *S. Francisco de Assis* (Visão franciscana da vida. 162 p. 8.º c. capa il. — 5$00.

FONTES (JOAQUIM) — *O estudo fisiológico da contracção muscular.* 16 p. e 3 fôlhas de estampas. — 5$00.

GONÇALVES (JOSÉ MARIA) — O Ensino Profissoinal. Do trabalho manual ao trabalho scientífico. Conferência. 60 p. — 6$00.

GUEDES PINTO (RODRIGO BRANDÃO) — *Sinaleiros.* 148 p. 8.º c. grav. — 15$00.

QUEIRÓS VELOSO (JOSÉ MARIA DE) — *A formação profissional dos professores liceais.* Simples esbôço da história do ensino secundário em Portugal. Oração de Sapiência. 31 p.

SANTOS FONSECA (EMA ROMERO) — *Arte do canto.* Breves noções. 241 p. 8.º c. grav. e o retr. da A. — 15$00.

• •

REVISTAS E PUBLICAÇÕES DIVERSAS

Entre outras, continuamos a receber com regularidade as seguintes revistas:

A ÁGUIA, que se edita no Por o c é dirigid pelo Leonardo Coimbra e António Carneiro. Prosa e verso de bons autores, estudos vários de carácter scientífico, filosofia, etc., formam o texto dos seus cadernos. Também, em *hors-texte*, reproduz desenhos, quadros e esculturas d mérito.

ARQUITECTURA, que, por represe.tar uma audaciosa tentativa no no so meio acanhado, tememos que sossobrasse logo aos primeiros fasciculos, mas que, afinal, se tem mantido galhardamente, tendo atingido já a sua 2.ª séric. Trata, como é fácil de se deduzir do título, de construção, quer simples, quer artística, registando os aperfeiçoamentos obtidos nela, em Portugal e no estrangeiro. Todos os seus artigos, bem ilustrados, são subscritos por técnicos de nomead.

BROTÉRIA, editada em Caminha A sua séric mensal apre senta-se sempre muito curiosa, com artigos de naturez scientífica e literária, ao lado dos de apologética rel giosa. Num dos seus últimos tomos lia-se, por exemplo, um valioso estudo sôbre a forma como se faz o tratamento da lepra nas Filipinas.

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO: com 40 anos de existência, nas suas páginas encontram-se sintetizados todos os progressos introduzidos, quer no nosso país, quer nos estrangeiros, nesse importante ramo da viação. Nela colaboram técnicos de valor comprovado. Também arquiva a legislação portuguesa relativa aos serviços ferro-viários.

REVISTA ESCOLAR, mensário de educação e ensino. Dirige-o o sr. dr. Faria de Vasconcelos, facto que serve de fiador à valia do seu conteudo sob o ponto de vista pedagógico. Interessa especialmente o professorado, em tôdas as suas classes.

REVISTA DE GUIMARÃES, publicada pela Sociedade Martins Sarmento. Insere bons estudos sôbre filologia, arqueologia, folclore, etc.. Na legião dos seus co.aboradores não faltam nomes notáveis na investigação scientífica.

REVISTA INSULAR E DE TURISMO, que é mensal e se dedica a fomentar os intercesses insulanos e a criar para aqueles belos rincões da terra portuguesa uma forte corrente de excursionistas.

SEARA NOVA, revista de doutrina e crítica. Nos seus últimos cadernos já vai novamente tomando fôlego em matéria de carácter politico, batalhando pelo saneamento do meio nacional Mas também insere artigos de feição literária.

TERRA-MÃE, propriedade c órgão do grémio de Acção Municipal de Castelo de Vide. Iniciou agora a sua vida. Aplica-se na propaganda dos interesses locais. É correcta no aspecto gráfico.

Recebemos também um fado para piano, intitulado OS TEUS OLHOS TENTADORES. Letra e música de Xousa Pinto, com arranjo para piano do maestro Manuel Benjamim. Não desmerece das melodias do género. Edição vistosa.

Macau, a nossa esplendente possessão asiática, por muitos estrangeiros de relêvo denominada «a pérola daquelas paragens», realizou nos meses últimos do ano de 1926 uma feira e exposição industrial, de cuja importância podemos fazer idea pelos aspectos que dêsse certame macaense nos dá um album-lembrança que nos foi oferecido pela sua comissão promotora. Nesse album, sob a forma de bilhetes postais, verificamos que essa feira foi alguma coisa de notável, já pelo número de expositores, já pelo carácter artistico apresentado pelas suas instalações. Com êste album chegou-nos às mãos outra vistosa brochura, MACAO, THE PORTUGUESE COLONY IN CHINA. Faz-se nas suas pág nas a prop ganda do clima daquele nosso domínio, descrevem-se as suas belezas naturais e os seus progressos em matéria de civilização, etc.. Louvores merecem os que, movidos por amor pátrio, assim se dedicam a exalçar perante o estrangeiro o que é nosso e tantas vezes anda denegrido, até pelos próprios nacionais.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22$00	43$00	84$00
Registados	24$40	47$80	93$60
ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL		49$00	96$00
Registados		53$80	105$60
ÍNDIA, MACAU E TIMOR		53$00	104$00
Registados		57$80	113$60

	Semestre	Anual
ESPANHA	47$00	92$00
Registados	51$80	101$60
BRASIL	52$00	102$00
Registados	61$60	121$20
ESTRANGEIRO	63$00	124$00
Registados	72$60	143$00

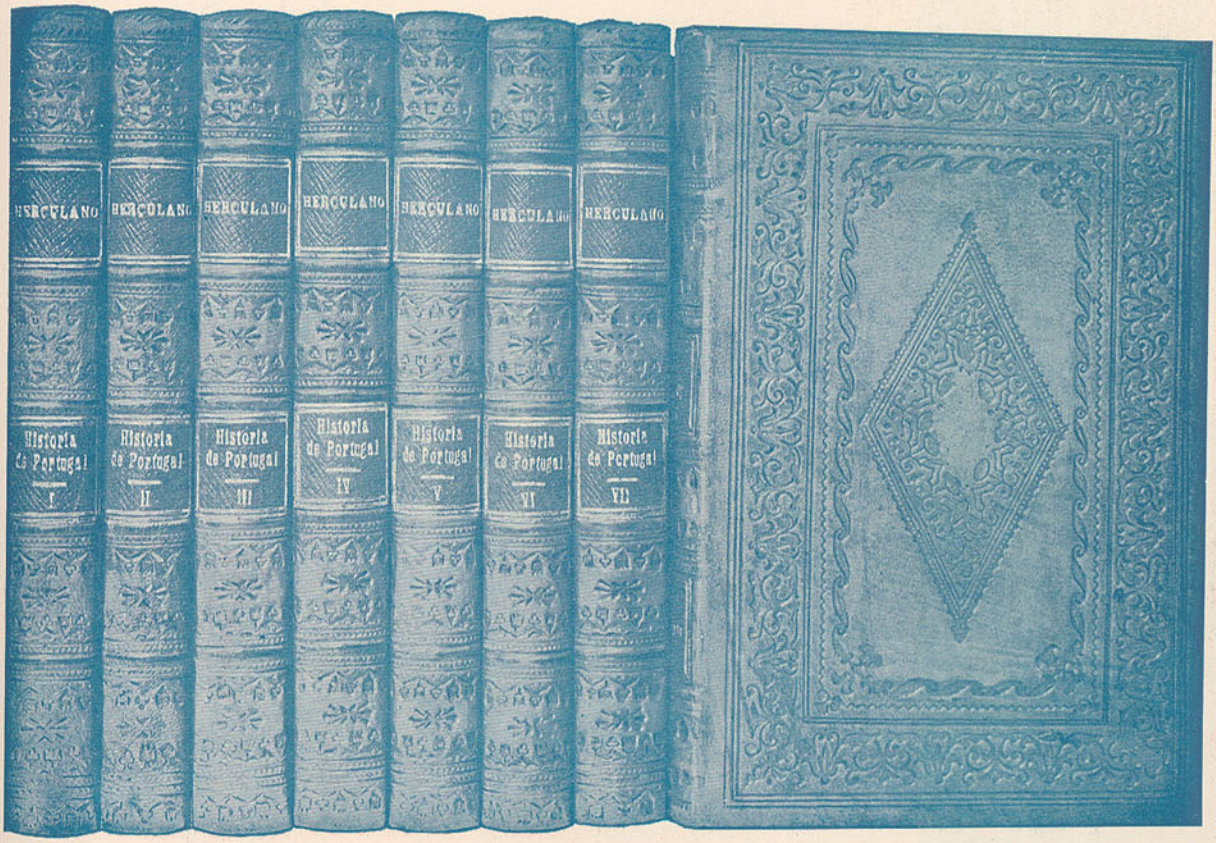
NÚMERO AVULSO 4$00

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

SAÍU EM OUTUBRO O VOLUME V

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a acquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura . . . . . Esc. 10$00
Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro . . Esc. 14$00
Idem, encadernado em carneira gravada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado . . . Esc. 25$00

BRAZIL—incluindo despesas do correio:
Brochado . . . . . Esc. 12$40
Encadernado em percalina . . Esc. 16$40
» » carneira. . . Esc. 27$40

COLÓNIAS PORTUGUESAS—Pagamento adeantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA

2.º
NUMERO

FOGÕES
VACUUM
Nos 15 e 17
Completamente desmontaveis
rapidez
economia
limpeza!
Vacuum Oil Company
SUNFLOWER
PETRÓLEO